

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES- DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

Mandú Jacob Padovezi

TEATRO E ECOLOGIA:

Entre Boal e Krenak: a construção dramatúrgica do espetáculo cênico-musical *Ladino*

Belo Horizonte

2025

Mandú Jacob Padovezi

TEATRO E ECOLOGIA:

Entre Boal e Krenak: a construção dramaturgica do espetáculo cênico-musical *Ladino*

Artigo apresentado ao curso da graduação em
Teatro da Universidade Federal de Minas
Gerais enquanto Trabalho de Conclusão de
Curso teórico para obtenção do título Bacharel
em Interpretação Teatral.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Lima Muniz

Belo Horizonte

2025



SEI/UFMG - 4776928 - Folha de Aprovação 07/12/2025, 20:09

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO
FOLHA DE APROVAÇÃO

Teatro e Ecologia:

Entre Boal e Krenak: a construção dramaturgica do espetáculo cênico-musical *Ladino*

MANDÚ JACOB PADOVEZI

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado, no dia 06 (seis) de dezembro de 2025, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Mariana Lima Muniz - Orientadora

Maurílio Andrade Rocha - Membro

Ernani Maletta - Membro

Prof^ª Dr^ª Bya Braga (Maria Beatriz Braga Mendonça) Coordenadora do
TCC/Bacharelado Teatro 2025-2

Belo Horizonte, 06 de dezembro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Mariana de Lima e Muniz, Membro**, em 07/12/2025, às 09:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ernani de Castro Maletta, Professor do Magistério Superior**, em 07/12/2025, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maurilio Andrade Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 07/12/2025, às 12:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4776928** e o código CRC **F6490C1E**.

Referência: Processo nº 23072.273351/2025-56 SEI nº 4776928

RESUMO

Este artigo investiga o teatro como instrumento de denúncia social e política, articulando conceitos de Ailton Krenak e Augusto Boal no processo de criação da dramaturgia do espetáculo musical *Ladino*. A pesquisa dramaturgical abordou urgências contemporâneas — como a crise climática, a monocultura e os sistemas de opressão sustentados pelo consumo e pela manipulação social — compreendendo a prática teatral como um campo propício para problematizar tais questões. A metodologia adotada inclui revisão bibliográfica e o desenvolvimento de uma dramaturgia autoral como procedimento investigativo, reconhecendo a criação artística como campo epistemológico e dispositivo crítico. A dramaturgia *Ladino* articula, simultaneamente, as relações de opressão e submissão discutidas por Augusto Boal e a defesa da vida e da continuidade do mundo proposta por Ailton Krenak. Inserido no universo da fantasia como gênero dramaturgical, *Ladino* reafirma a resistência dos povos da natureza, estimulando uma conscientização simbólica que se materializa na ação de distribuir sementes ao público ao final do espetáculo.

Palavras-chave: meio ambiente; criação dramaturgical; denúncia social; Ailton Krenak; Augusto Boal.

ABSTRACT

This article investigates theatre as a tool for social and political denunciation, integrating concepts by Ailton Krenak and Augusto Boal into the creation process of the musical *Ladino*. The dramaturgical research addressed contemporary urgencies—such as the climate crisis, monoculture, and systems of oppression sustained by consumerism and social manipulation—framing theatrical practice as a fertile ground for questioning these issues. The methodology included a bibliographic review and the development of an original dramaturgy as an investigative procedure, acknowledging artistic creation as an epistemological field and a critical device. The dramaturgy of *Ladino* weaves together Augusto Boal’s reflections on oppression and submission with Ailton Krenak’s call to “postpone the end of the world.” Situated within the fantasy genre, *Ladino* reaffirms the resistance of the peoples of nature, fostering symbolic awareness through the symbolic gesture of distributing seeds to the audience at the end of the performance.

Keywords: environment; social denunciation; dramaturgical creation; Ailton Krenak; Augusto Boal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente à minha família, pessoas com as quais eu tenho a maior alegria de compartilhar a vida e sorte de estar presente na vida delas. Agradeço todo o compromisso com minha formação acadêmica e pessoal - o apoio emocional, o incentivo às composições musicais, ações artísticas e projetos criativos e autorais foram essenciais para a realização das partes teórica e prática desta pesquisa e para a formação de meu caráter e de minha identidade. Agradeço à minha mãe, um gênio e a melhor companheira, inteligente, divertida, sensível e justa - que sempre me apresentou excepcionais referências teóricas, artísticas e políticas. Ao meu irmão, com suas músicas, brincadeiras, inventividades e sua maneira sagaz, astuta e direta de demonstrar seus pensamentos. Ao meu pai, pessoa esperta, aventureira, animada e que sempre demonstrou a importância da Terra e de nosso contato direto com ela, assumindo a nossa existência a partir dela.

Amplio o agradecimento à minha orientadora, Mariana Lima Muniz, que sempre instigou o fazer teatral em todas as suas linguagens junto com sua potência política, através de suas disciplinas e montagens que tive a alegria de participar. Muito obrigado por todos os aprendizados, pelos direcionamentos e pelas oportunidades de atuação e criação ao longo de minha trajetória no curso.

Agradeço aos professores que gentilmente aceitaram compor a banca: Maurílio Rocha, cujos ensinamentos sobre corpo, voz e o uso do aparato vocal a partir de intenções e visualizações ampliaram minha compreensão cênica; e Gil Amâncio, cuja abordagem sobre musicalidade e humanidade, que tanto admiro, aprofunda meu olhar sobre a relação entre pensar e agir.

Agradeço a todos os professores e aos técnicos que, em um ato de resistência, seguem insistindo pela educação de qualidade e pelo desenvolvimento da arte. Todos os ensinamentos técnicos, teóricos e interpessoais contribuíram intensamente com a minha formação profissional e acadêmica. Um agradecimento especial ao professor Ernani Maletta, que integrou o elenco do espetáculo e contribuiu com perspectivas fundamentais, sensíveis e colaborativas, enriquecendo a montagem, meu diálogo com a metodologia da atuação polifônica e meu processo de conclusão da graduação

Agradeço a todos os amigos e amigas pelas trocas artísticas e pessoais, pelo desejo intenso de produzir arte e pelo capricho de viver a partir dela. Estendo este agradecimento aos amigos e amigas de outros cursos e fora da Universidade, que cooperam com a estruturação de meus princípios, caráter e moral.

Aos meus amigos e parceiros de criações diversas, pela oportunidade de construir ambientes de trabalho positivos, instigantes, investigativos e intensos. Um destaque para a equipe de Ladino: Ana Clara Marques, Delaney Júnior, Duda Carmona, Felipe Tristão, Gabi Ribeiro, Gabriel Ferreira, Haydyn Petrus, José Vitor Resende, Larissa Ferreira, Leidy Góis, Lou Nunez, Lucy Ribeiro, Nica Alcântara, Pedro Oliveira e Samuel Moreira, além de todos os que auxiliaram com conversas e assistências.

Para além da pesquisa prática deste estudo, tenho que agradecer aos meus parceiros e parceiras do “Disco Voador” - outro espetáculo musicado autoral e independente produzido durante a graduação - e de todas as outras montagens e cenas que tive o prazer de participar durante esta trajetória. Ressalto grandes companheiros, Annabelle de Munick, Arthur Xavier, Camila Ott, Hector Guedes e Matheus Soriedem. Agradeço também ao projeto de extensão “Cricula Teatro” e a todos os seus integrantes pelas montagens e pelos processos.

Muito obrigado.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. AUGUSTO BOAL: TEATRO E POLÍTICA	10
3. AILTON KRENAK: TEATRO E ECOLOGIA	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
5. CONCLUSÃO	24
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
7. ANEXO A – Árvore do Teatro do Oprimido	28
8. APÊNDICE A - ROTEIRO COMPLETO: LADINO	29

1. INTRODUÇÃO

*Confunde a sina com a sorte
a vida com a morte
O salto com o alto
Estilhaça a personalidade no asfalto*

*Ato falho, fracassado
Pseudo abismo
Concreto, enfiado
Tecno-feudalismo*

*Intimidade sintética
Atividade frenética
Eles querem
Eles não querem*

Os Donos dos Nossos Destinos

*A fantasia, o caricato
por detrás do musgo
Buraco de minhoca
Cidade Ilusão!
Ilustre, de sua maneira*

(Padovezi, 2024, p.22)

Este artigo tem como principal objetivo estimular a reflexão sobre o papel político do ser humano na sociedade atual por meio do teatro e evidenciar como isso foi feito na escrita dramática do espetáculo cênico-musical *Ladino*. Busca, ao mesmo tempo, contribuir com a área de estudo da relação indissociável entre a arte e a política, incentivando uma postura de resistência crítica contra a monocultura, tanto em sua manifestação subjetiva quanto objetiva.

Ao longo do processo de preparação de elenco e de montagem do espetáculo, a dramaturgia foi atualizada a partir de descobertas cênicas, políticas e teóricas. A pesquisa foi desenvolvida paralelamente à escrita da dramaturgia do espetáculo musical “*Ladino*”¹ (2024) - em anexo no Apêndice A - escrito em um contexto de fragilidade na política brasileira, logo após a tentativa de golpe de Estado em 2023 envolvendo o ex-presidente Jair Bolsonaro e, no mínimo, 36 aliados. No momento da criação da dramaturgia, o procedimento legal e a decisão judicial final ainda não haviam sido encerrados, o que gerou preocupação em relação às vulnerabilidades do sistema legislativo e democrático. Finalizei a escrita com a sentença julgada e as penas determinadas pelo Supremo Tribunal Federal.

Em conjunto a este e outros fenômenos políticos - como o contexto de guerra que permeia a Faixa de Gaza, o conflito entre Israel e Palestina, a violência policial insistente no Rio de Janeiro, a disputa imposta à Ucrânia pela Rússia, o avanço desenfreado da tecnologia e a imposição de um modo de vida inserido no neoliberalismo - observa-se a intensificação alarmante da crise climática global, marcada pelo contínuo fracasso na concretização dos acordos internacionais destinados a limitar o aquecimento global a níveis considerados seguros. Atualmente, o planeta enfrenta as consequências diretas do acúmulo de capital e da produção desenfreada, cuja escala produtiva excede significativamente a capacidade de regeneração dos recursos naturais.

Conforme dados divulgados pelo Correio Braziliense, em matéria assinada por Paloma Oliveto (2023), estima-se que 20% da população mundial estará em risco de sobrevivência devido aos impactos climáticos até o ano de 2070. Os estudos indicam que, até o final do século, mais de um quinto da humanidade estará exposto a temperaturas perigosamente elevadas, com médias iguais ou superiores a 29°C. Diante disso, as políticas climáticas são consideradas insuficientes para cumprir as metas estabelecidas no Acordo de Paris de 2015.

¹ Autor e idealizador: Mandú; Encenação: Mariana Lima Muniz; Elenco: Ana Clara Marques, Delaney Junior, Gabi Ribeiro, Haydyn Petrus, Nica Alcântara e Ernani Maletta; Iluminação: Felipe Tristão; Sonoplastia: Pedro Oliveira; Cenografia: Samuel Moreira; Comunicação: Larissa Ferreira

Inserido nessa conjuntura, este artigo conta com dois pensadores estruturais: Ailton Krenak e Augusto Boal. O primeiro capítulo contextualiza conceitos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Boal foi de grande importância para a fundamentação das poéticas políticas da dramaturgia, interligando diretamente a cultura e a política - o teatro e a vida.

O segundo capítulo discorre sobre entrevistas e ensinamentos do filósofo e ambientalista Ailton Krenak. Referência intelectual e política da tribo indígena Krenak, ele debate, em seus textos e entrevistas, sobre possibilidades de futuro e maneiras factuais de gerar transformações significativas no Estado, de modo a considerar a cultura e a produção humana como parte da convivência com a natureza e fundamental para a saúde mental e social da humanidade.

O terceiro e último capítulo dedica-se à relação dessas referências teóricas com a dramaturgia do espetáculo que utiliza da fantasia como estratégia de denúncia e reflexão. A obra explora temas contemporâneos urgentes, como a crise climática, o acúmulo vertiginoso de capital, o controle social por meio do consumo, entre outros temas. Segundo (Campos; Krenak, 2021, p. 60)

Não sobrou nenhum lugar da Terra [em] que o capitalismo não determina a hora do amanhecer e que hora em que acaba o dia. Nem na China; em lugar nenhum. Essa experiência de uma única dinâmica da economia recobrir toda a produção material e imaterial dos povos não é um fenômeno regional, não é aqui no Brasil e nem na América Latina. É do mundo.

O título da dramaturgia surge a partir da história do meu nome. Conforme um estudo publicado por Gleydson de Castro Oliveira (s/d) e histórias que me foram contadas sobre o meu nome, Mandu Ladino foi um indígena Aranhí, que viveu em São Miguel do Tapuio (Altos - PI). Órfão com 12 anos de idade, ele e sua irmã Kari foram recolhidos ao aldeamento Kariri do Boqueirão para estudarem e serem cristianizados. Quando presenciou seus mestres e professores queimando artefatos simbólicos de seu povo, o indígena deu início ao que seria conhecido como *Revolta de Mandu Ladino*, “Foi uma revolta em que o indígena Mandu Ladino e vários povos indígena tupis da então capitania do Piauí opôs aos fazendeiros portugueses, tendo se estendido de 1712 a 1719” (OLIVEIRA, s.d.).

2. AUGUSTO BOAL: TEATRO E POLÍTICA

A partir do desenvolvimento de conceitos fundamentais para a escrita de *Ladino*, o primeiro pensador a ser aprofundado é o dramaturgo, diretor, pesquisador e ex-vereador do Rio de Janeiro, Augusto Boal. Reunindo estudos e experiências na área artística e política, Boal se destaca na cena teatral e idealiza o *Teatro do Oprimido*, convidando o público à expressão e à mobilização social. Boal foi diretor e autor de espetáculos seminais do teatro brasileiro, como *Opinião* (1964), *Arena Conta Zumbi* (1965), *Tempo de Guerra* (1965), *Arena Conta Tiradentes* (1967) e muitos outros e escritor de mais de 20 obras literárias, como *O Arco-Íris do Desejo: Método Boal de Teatro e Terapia* (1990), *Teatro Legislativo* (1996) e *Jogos Para Atores e Não-Atores* (1998). Além de sua produção escrita e teatral, Boal também deixou um vasto registro audiovisual, tendo concedido diversas entrevistas que se encontram atualmente disponíveis ao público em plataformas digitais e acervos especializados. A partir desta vasta produção, analisarei pontos explicitados em seu livro *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* de 1973, junto com entrevistas concedidas entre 1979 e 1998.

Em 1971, o teatrólogo Augusto Boal se exila do Brasil ao ser detido e torturado pelo governo ditatorial vigente, após ter sido considerado perigoso pelo trabalho que vinha desenvolvendo com o coletivo *Teatro de Arena*. A ditadura civil e militar se esforçava para abafar e direcionar as práticas culturais consideradas de esquerda a partir do uso da repressão e censura, mas as apresentações do Arena subvertiam essa lógica ao acontecerem independentemente, indo de encontro ao público nas ruas, praças e igrejas, em uma luta insistente contra a censura. Assim, levantando questionamentos e remodelando o fazer teatral, utilizando o teatro como “uma demonstração quase científica através de meios artísticos” (Boal, 1973, p. 110) e lupa da realidade, seu modo de estudo e protesto se tornou um risco àquela ideologia.

Em seu exílio, Augusto Boal passou pelos Estados Unidos, México, Peru, Argentina, Equador, Portugal e França. Nessas suas movimentações, percebe e cataloga uma repetitiva maneira de fazer teatro, o Teatro do Oprimido.

O Teatro do Oprimido nasceu do oprimido em diversos países latino-americanos que foi respondendo criadoramente a uma situação político-social e econômica muito definida. O que fiz, foi participar em vários países dessa busca, dessa descoberta, dessa criação e sistematizar. Mas não sou o proprietário do Teatro do Oprimido, é o povo, é o oprimido (Boal, 1998).

Boal afirma que é possível ser opressor ao mesmo tempo que é oprimido. Uma instituição que oprime seu trabalhador a partir de contratos intermitentes, exploração emocional, não pagamento ou ocultação de direitos trabalhistas, também sofre com a pressão

do modelo econômico neoliberal, com a opressão pelo mercado financeiro, com a demanda por entregas e por corporações ainda maiores. “Os próprios opressores se dividem entre aqueles que têm coroas sobre suas cabeças e aqueles que não têm nada a ganhar no exército de sua opressão” (Boal, 1973, p. 216). E todas as opressões devem ser combatidas, tanto empresariais e trabalhistas quanto nucleadas e discriminatórias.

Assim, a Poética do Oprimido procura se contrapor, até certo ponto, à Poética Aristotélica que Boal considerava ser coercitiva, intimidatória e enraizada no imaginário coletivo da criação e do fazer artístico de seu tempo. Boal discorre sobre a afirmação de Aristóteles “a arte imita a natureza” e traz o conceito de *mimesis* não como imitação, mas como recriação. E *natureza*, não como o que existe, mas o fundamento criador do que existe.

Portanto, que quer dizer “imitar” para Aristóteles? Quer dizer: recriar esse movimento interno das coisas que se dirigem à perfeição. “Natureza” era esse movimento e não o conjunto de coisas já feitas, acabadas, visíveis. (...). E é por isso que Aristóteles podia dizer que o artista deve “imitar” os homens como deveriam ser e não como são. Isto é, imitar um modelo que não existe (Boal, 1973, p. 38).

O teatrólogo desaprova o objetivo final da poética aristotélica e a maneira com que ela é feita. Para ele, o teatro aristotélico se resolve em si mesmo; cria uma realidade maligna para, depois, se purificar por meio da *catarse*. A purgação acontece com a *empatia* e a *catarse*, mecanismos de grande poder reconfortante e sistematizador.

Aristóteles constrói o primeiro sistema poderosíssimo poético-político de intimidação do espectador, de eliminação das “más” tendências ou tendências “ilegais” do público espectador. Esse sistema é amplamente utilizado até o dia de hoje, não somente no teatro convencional como também nos dramalhões em série da TV e nos filmes de faroeste: cinema, teatro e TV aristotélicamente unidos para reprimir o povo. Felizmente, o teatro aristotélico não é a única maneira de se fazer teatro (Boal, 1973, p. 31).

Na tentativa de visualizar este sistema purgatório, façamos o seguinte exercício imaginativo. Imaginemos um planeta múltiplo e diverso, que abrange diversos organismos vivos, dentre eles o ser humano. Um coletivo destes humanos se organiza e idealiza uma meta, uma utopia gananciosa e egoísta - mas tem um problema: para que essa utopia se torne o *status quo*, a maioria dos outros seres humanos, que não necessariamente fazem parte desta organização, precisam ser oprimidos de modo a abdicarem suas virtudes, ações e vontades. Para isto, é preciso de ferramentas para a manipulação da sociedade, da subjetividade e da individualidade. Como fazê-lo? O pensador Augusto Boal destaca duas destas ferramentas do sistema aristotélico: a *catarse* e a *empatia*.

Parafraseando o dramaturgo, a *catarse* funcionaria como purificadora e anestesiante, possibilitando o extravasamento do acúmulo de tensão. A dramaturgia cria uma “realidade

ideal” assombrada por algum elemento estranho e indesejável que impossibilita que a personagem alcance seus objetivos. “Esse elemento estranho é contrário à lei, é uma falha social, uma carência política, uma transgressão” (Boal, 1973, p. 55). E para a correção e purgação desta “falha” existe a *catarse*. Ela acontece no clímax do espetáculo, trazendo harmonia, equilíbrio e conformismo a partir do sentimento de correção instantânea do mal que havia sido instaurado. E a partir disso, daria continuidade ao seu objetivo íntimo de purificação e enquadramento das ações e emoções de uma sociedade à uma norma. A *catarse* funciona junto com a *empatia*, impedindo que o público exista por si próprio, existindo somente a partir do outro.

A empatia, fiel à tragédia aristotélica, é outro artifício de concentração do poder que Boal destaca. Para ele, ao ser instigado pela personagem e criar uma relação empática com ela, o espectador se conforma com o estado passivo e se satisfaz a partir daquela figura relacionável; as ações daquela personagem satisfazem o ímpeto de ação da pessoa real, dando a ela a sensação de completude e realização de suas vontades. Segundo o autor, esta pessoa estaria deliberadamente abdicando seu dever político como cidadã e sua potência de transformação concreta. “A empatia funciona mesmo que exista uma colisão de interesses entre o universo fictício e o universo real dos espectadores (...)”, relacionando esta prática à censura que existia na época, conclui: “(...) Por isso existe censura: para impedir que um universo indesejável se justaponha ao universo dos espectadores” (Boal, 1973, p. 120).

Boal propõe que o *espectador* não seja um ser passivo, previsível e escapista, oposto do ator, que é aquele que *age*. Para ele, quando se atua, gera ação - e com a ação dos espectadores, poder-se-ia transformar o *status quo*. Caso a ação - que acontece a todo o momento, independentemente da vontade individual - seja dispensada e passe a contentar-se apenas como presença inativa, esta passividade torna-se cumplicidade diante ao conservadorismo e à desigualdade.

Essa dicotomia interna entre ator e espectador nos convida a imaginar outras, nos convida a imaginar uma brecha entre o que fazemos e o que somos, ou podemos nos tornar, uma brecha entre as pessoas e os papéis que elas representam, as funções que executam, os papéis que preenchem. Dizer que cada um de nós é teatro equivale a dizer que todos podemos escapar de nós mesmos e dos lugares que devemos supostamente ocupar (Boal, 1973, p. 213).

Através do processo criativo de diversas práticas teatrais para o aprofundamento destas pesquisas, Boal cria o conceito *spect-ator* com o intuito de ativar os espectadores e os recordarem de seu papel como observadores e cocriadores da ação dramática e, em

consequência, da realidade. Essas práticas são diversas e maleáveis, catalogadas na *Árvore do Teatro do Oprimido* (ver Anexo A) e realizadas pelo mundo inteiro, por diversos pesquisadores-atores. Ao reunir os estudos realizados pelo Arena, o dramaturgo e diretor também configurou o *Sistema Coringa*, uma proposta permanente de se fazer teatro, desenvolvendo brincadeiras e jogos dicotômicos entre a dramaturgia e o posicionamento político dos encenadores, sem a obrigação de consolidar a montagem à uma única estética ou a uma única personagem.

Pedindo emprestada a frase a Brecht, estávamos mais interessados em mostrar “como são as coisas verdadeiras” do que em “revelar como verdadeiramente são as coisas”. Para isso, utilizávamos a fotografia e todos os seus esquemas. Da mesma forma, estávamos dispostos a utilizar o instrumental de qualquer outro estilo, desde que respondesse às necessidades estéticas e sociais de nossa organização como teatro atuante - isto é, teatro que procura influir sobre a realidade e não apenas refleti-la, ainda que corretamente (Boal, 1973, p. 174).

Seguindo a dialética marxista, Augusto Boal analisa a oposição entre as pesquisas de Bertold Brecht e Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Para Hegel, as motivações do personagem se dão por fatores internos e características intrínsecas, “o personagem é *sujeito absoluto* de suas ações” (Boal, 1973, p. 101) e age de maneira livre, sem a interferência de agentes exteriores que oprimem e reduzem seu poder ou suas vontades. Assim, as personagens seguem seus desejos e ímpetos com pouquíssima ou nenhuma interferência externa, a trama se desenvolve e gera um conflito, que é resolvido após uma avalanche de sentimentos transbordantes e finalmente retornando ao equilíbrio e à paz.

Do outro lado, para Brecht “o animal é inteiramente determinado pelo seu meio ambiente” (Boal, 1973, p. 101) e o ser humano “não é o *sujeito absoluto* e sim o *objeto de forças econômicas ou sociais*” (Boal, 1973, p. 104). É o sujeito integrado neste esquema aristotélico e neoliberal onde suas virtudes, funcionalidades e aptidões seriam influenciadas para serem usadas como potência econômica, moeda de troca e contribuição para a continuidade da opressão. Logo, para Boal, seria preciso entender quem é o real causador deste contexto e de que maneira ele dialoga com o público de modo a instigar uma transformação estrutural, “que ninguém chore a fatalidade que levou os filhos da Mãe Coragem, mas sim que se chore de raiva contra o comércio da guerra, porque é esse comércio que rouba os filhos à Mãe Coragem” (Boal, 1973, p. 112).

Inseridos neste contexto socioeconômico de mercantilização da vida e das expressões artísticas, em que as capacidades e qualidades humanas - como a criatividade, as virtudes, os

gostos e os desejos - tornam-se objetos de troca e lucro, é preciso de atenção, ação e pragmatismo: a arte, enquanto prática essencialmente humana, também é capturada pelo sistema de trocas capitalistas. Como alerta Boal (1973, p. 116):

A arte é imanente a TODOS os homens e não apenas a alguns eleitos; a arte não se vende como não se vende o respirar, o pensar e o amor. A arte não é uma mercadoria. Mas, para a burguesia, tudo é mercadoria: o homem é uma mercadoria. E se o homem é uma mercadoria, será igualmente mercadoria tudo o que o homem produzir. Todo o sistema burguês se prostitui, o amor e a arte. O homem é a suprema prostituta burguesa!

Dessa maneira, poderia dizer-se que este sistema de manipulação possui o mecanismo de unificar as subjetividades destes ‘espectadores’, a fim de transformá-los em nada menos do que consumidores. Para o ativista e intelectual indígena Ailton Krenak, “(...) o que existe agora são consumidores. Os Estados, com suas políticas, os governos e o mercado devem produzir clientes, consumidores, e não cidadãos” (Campos; Krenak, 2021, p. 55), corroborando com os conceitos estudados por Augusto Boal e influenciando a concepção e a montagem do espetáculo *Ladino* ao gerar diálogos entre a política e a crise do meio ambiente. O modo como o ser humano cria relações intrínsecas de opressão e de poder exige recursos naturais e científicos que ultrapassam o exagero, promovendo violências e depredações múltiplas contra a natureza, contra o ambiente que vive e contra o próprio ser humano, que faz parte da natureza.

A dramaturgia de *Ladino* segue uma linha aristotélica com uma separação clara entre as forças do bem e do mal, pois se insere no universo da fantasia no qual esses elementos são constitutivos. Dentro do universo dramático da fantasia, podemos reconhecer o texto teatral de *Ladino* como uma referência de *high fantasy* ou alta fantasia, mesmo gênero de outras obras como *O Senhor dos Aneis*, *Wicked*; *O Sítio do Pica Pau Amarelo*. Segundo o *The Encyclopedia of Fantasy* (Clute & Grant, 1997), “a alta fantasia se dá em um mundo paralelo marcado por uma escala épica e um conflito moral”

Ainda assim, a influência de Boal e do Teatro do Oprimido está na visão de mundo existente neste mundo paralelo criado em *Ladino*, no qual se evidenciam relações de opressão, submissão e sublevação da ordem vigente. Ao fazê-lo por meio da fantasia, a obra abarca o simbolismo e a ludicidade como procedimentos de denúncia e reflexão da situação mundial atual.

3. AILTON KRENAK: TEATRO E ECOLOGIA

Ailton Krenak é um dos principais nomes na articulação pela defesa dos direitos dos povos indígenas e das florestas no Brasil. Compôs o conjunto de lideranças indígenas da constituinte de 1988, é ambientalista e filósofo, além de ser um dos maiores pensadores brasileiros sobre ecologia, sustentabilidade e a relação destrutiva entre o capitalismo e a natureza. Krenak é Doutor *Honoris Causa* pela UFJF e é reconhecido como um guardião e transmissor dos saberes ancestrais por meio da oralidade, prática central na cosmologia indígena. Para dramaturgia de Ladino, centrei-me em suas falas e textos presentes no livro “Lugares de Origem” de 2021, adaptado e escrito junto com Yussef Campos. Neste livro encontra-se uma entrevista concedida por Ailton a Yussef em 2018; a abertura do IV Seminário do Núcleo de Estudos de Antropologia, Patrimônio, Memória e expressões Museais na Universidade Federal de Goiás e o I Seminário Lugar e Patrimônio, intitulado “Patrimônios marginalizados e a luta pelo território”, em 2019; e uma entrevista concedida ao canal Le Monde Diplomatique Brasil, intitulada “Vozes da Floresta | Ailton Krenak”, publicada em 2020.

Os Krenak são uma família da população indígena *Borum*, localizada no Médio Rio Doce e denominada pejorativamente pelos portugueses de *Botocudos*, considerados extintos após os ataques insistentes dos colonizadores. Na Carta Régia de 13 de maio de 1808, o príncipe regente Dom João explicita o desejo de extermínio dos Botocudos:

Deveis considerar como principiada contra esses índios antropófagos uma guerra ofensiva, que continuareis sempre em todos os anos nas estações secas e que não terá fim, senão quando peçam a paz sujeitando-se ao doce jugo das leis e prometendo viver em sociedade, possam vir a ser vassallos úteis.

É apenas a partir da Constituinte de 1988 e da resistência incessante destes povos que é assegurado um obstáculo legislativo com o objetivo de impedir o extermínio (pelo menos explícito) dos povos indígenas. Ainda antes da Constituinte, assim como Boal, Ailton Krenak enfrentou o golpe ditatorial de 1964, momento extremamente violento contra as populações indígenas, desmoralizando suas subjetividades e suas culturas e torturando e executando seus integrantes. Em uma notícia de 2024 sobre a ditadura militar e os indígenas, a escritora Txai Suruí afirma que a partir da proposta de ‘desenvolvimento, ocupação e progresso’, difamada pelos golpistas da ditadura brasileira de 1964,

A Comissão Nacional da Verdade (CNV) trouxe a público uma parte cruel e oculta da história: os graves crimes cometidos contra os indígenas. Alguns desses crimes foram criados por um centro de detenção indígena, na cidade de Resplendor (MG), o

"Reformatório Krenak". As reformas prisionais e de tortura não se limitam apenas aos indígenas Krenak, mas a diversas outras etnias, entre elas os Pataxós, impondo restrições às suas práticas ancestrais sob vigilância militar. (...) A CNV informou que pelo menos 8.350 indígenas morreram durante a ditadura militar. (...) entre as formas de tortura, estão as "caças humanas", promovidas com metralhadoras e dinamite (tiro aéreo), contágios propositais de varíola em povoados isolados e entrega de açúcar misturado ao veneno estriçnina.

Krenak alega: “a gente começou a luta contra a ditadura e eu acho que a gente teve um auge dessa luta que foi a redemocratização das relações, pelo menos formal, da vida brasileira com a Constituinte de 88, onde eu participei também e representando o movimento indígena” (KRENAK, 2020). Na Constituinte, Ailton profere o seu discurso enquanto executa um gesto reiterado na tradição de diversos povos indígenas, representando o luto e a resistência ao pintar o rosto com jenipapo.

Ao realizar esta ação, o ativista Borum não apenas 'agrediu o protocolo' da Casa (nas suas próprias palavras), mas também promoveu um ato performático de descolonização do espaço de poder. O jenipapo, símbolo de luto e resistência, determinou uma ação oposta ao controle da subjetividade imposto pela hegemonia, e materializou a urgência da memória, da presença e da continuidade da existência indígena no novo arranjo constitucional. Seu gesto representa a defesa viva do patrimônio material e imaterial de seus povos, reivindicando não apenas a terra, mas o direito inalienável à inovação e à diversidade cultural.

Para Ailton Krenak, e aqui é possível estabelecer uma relação com o pensamento de Boal, existe uma opressão subjetiva e objetiva que sofremos enquanto sociedade estruturada no sistema capitalista, denominada por Krenak de *monocultura*. O pensador indígena une o conceito de monocultura na agronomia (o cultivo intenso e duradouro de uma única espécie vegetal ou animal em uma grande área) com a insistência do Estado em um modelo socioeconômico único, predatório, desigual, mentiroso, que se autodevora e desenvolve ferramentas coercitivas para a neutralização das individualidades de seus cidadãos, no objetivo de transformá-los em consumidores.

Quem está dentro do clube fala que está tudo bem. Os que estão fora não dizem nada, eles não têm microfone, estão desligados. Então, assim, é uma radical exclusão das outras perspectivas de existência, privilegiando uma só - que eu chamo de monocultura. Monocultura não se refere apenas à nossa forma de produção; monocultura é também aquilo que se reflete na nossa maneira de estar no mundo e de pensar o mundo. Por isso que tem sentido reclamar a possibilidade de outros

mundos. Reclamar outros mundos é se insubordinar contra a lógica monolítica de um mundo só (Campos; Krenak, 2021, p. 69).

A ideologia de controle é a mesma, o desejo de extermínio ou de transformação destes povos indígenas e aliados da florestania em “vassalos úteis” é latente e continua presente. Assim, Krenak denuncia o controle da subjetividade tanto dos indígenas quanto dos não-indígenas, alegando a categorização do patrimônio imaterial e material destas populações como, na realidade, estudo para o controle e dominação da população, “A produção que nós temos hoje sobre memória, patrimônio, seja ele material ou imaterial, é uma avançada produção de conhecimento sobre o controle da nossa produção material e imaterial no campo da cultura, é uma violência contra todas as nossas subjetividades” (Campos; Krenak, 2021, p. 60). Isto colabora com a definição que Krenak dá para catequização que é a sobreposição de uma única cultura contra toda uma etnia, a contendo (Campos; Krenak, 2021, p. 40).

Krenak relata aspectos da cosmovisão de alguns povos da floresta e coloca em xeque a ideologia fordista. Para ele, os indígenas e os seringueiros compõem a natureza e fazem parte do bioma que vivem, ele não vê sentido na produção de materiais e recursos para além do que o ser humano necessita, extraindo e usurpando a natureza a ponto de gerar desequilíbrios irreversíveis no ambiente em que vivemos. Ailton Krenak também não concebe a ideia de grandes corporações e fábricas induzirem um sistema de mecanização do trabalho de modo a produzirem objetos idênticos incessantemente, conforme ele,

Quando um índio faz um balainho, é porque o balainho tem uma importância, está dentro de algum campo de significado, já que nós estamos falando de patrimônio imaterial. Entre a operação de pensar e fazer tem um campo, que é o campo da subjetividade. É o campo em que o artista ou criador pensa e faz (Campos; Krenak, 2021, p. 75).

A importância dos patrimônios imaterial e material é um campo de estudo central nas falas do filósofo, que alerta sobre a sua capacidade de controle. O representante indígena argumenta que, quando o acervo cultural é demarcado, ele se torna passível de domínio e nosso acesso a ele passa a ser negociado como consumidores, inclusive daquilo que produzimos. Portanto, o conceito de patrimônio é coagido a materializar-se, confundindo-se com a noção de mercadoria, afinal “Quanto mais materialidade um bem constitui, mais ele é disputado pelo mercado para virar mercadoria. Quanto mais complexa vai ficando uma comunidade, uma sociedade, mais o Estado inventa mecanismos de controle e de classificação das nossas experiências de vida” (Campos; Krenak, 2021, p. 55).

Depois de anos resistindo a ataques violentos, tentativas de etnocídio e opressões pelo Estado - e em consequência, pelo modelo econômico vigente - os Borums foram obrigados a fugirem de suas aldeias e residências em luta para a sua sobrevivência. Ailton faz parte do movimento indígena da década de 1970 de mobilização contra esta repressão, que impõe os Direitos Originários sobre as terras que seus povos tradicionalmente ocupam, retornando ao local que deu origem aos Borum: a região do Médio Rio Doce. Na cultura e na subjetividade dos Krenak, o rio é o avô deles, denominado *Watu*. Eles se comunicam com o *Watu*, fazem cantos, escutam o que a corrente diz para eles, recebem mensagens do rio nos sonhos e vacinam as crianças dentro dele, banhando-as. “Isso nos mantém com alguma sanidade; possibilita que a gente constitua uma comunidade que tem uma perspectiva comum de viver num lugar e de valorizar os diferentes atributos que esse lugar tem” (Campos; Krenak, 2021, p. 52).

Em 2015, houve um rompimento da barragem de Fundão, pertencente à empresa e mineradora Samarco, em Mariana (MG). Conforme dados da ONG Greenpeace, 40 bilhões de litros de rejeitos de minério foram despejados em 700 km da bacia do Rio Doce. A onda de lama soterrou o distrito de Bento Rodrigues, matando 19 pessoas e afetando outros milhares, além de destruir a fauna e a flora da região. Esse desastre afetou diretamente a tribo Krenak e outros povos indígenas que viviam na margem do Rio Doce, não somente varrendo o ambiente com rejeitos de metais pesados e impossibilitando o seu acesso à água e à qualidade de vida que um Rio oferece para o ecossistema e para os povos aldeados, como também interferindo diretamente na crença e na subjetividade daquela população:

Em algum momento para as mineradoras, era bom dizer que o rio morreu. (...) Quando nós começamos a dizer “Oh, *Watu* Mirare re”, [ou seja,] o “*Watu*” está vivo, o “*Watu*” está em coma e nós vamos ficar velando “*Watu*” até ele voltar. Olhem o campo da subjetividade, vejam como que ele tem potência. Não é sem razão que o território da subjetividade também é disputado. (Campos; Krenak, 2021, p. 52).

É preciso refletir sobre o modo que estas tribos se relacionam com o meio ambiente e de que maneira elas atuam como agentes do ecossistema. A relação que se estabelece entre estes povos e a floresta ultrapassa qualquer proposta de combate à poluição e de proteção ambiental. Krenak subverte a lógica de que uma reserva biológica não poderia habitar seres humanos, para ele, a floresta é *agora*, é *dinâmica*, é produzida por diversos seres e fenômenos naturais que se complementam e convivem. “Se as comunidades humanas que estão lá dentro

conhecem esse ecossistema e cuidam dele, ele vai viver, vai se reproduzir. Se você preda ele, ele vai mudar até uma hora em que ele vai ficar inviável” (Krenak, 2020).

O pensador também demonstra a importância da presença dos seringueiros no coletivo dos povos da floresta junto com as demandas que exigem. Os seringueiros são profissionais que extraem látex da árvore seringueira, se estabelecem na floresta e colaboram com o ecossistema que vivem de maneira ativa, corroborando com a preservação de seu habitat. Ailton Krenak (2020) os destaca como “base social da florestania” e reitera a cultura instituída por seu coletivo, a caracterizando como preservadora, inovadora e generosa com a população urbana, rural e das florestas. Ele enfatiza as ações de seu colega Chico Mendes neste contexto e traz exemplos da cultura que reivindicam:

Nós queremos um território onde de geração em geração a gente possa continuar mantendo um sistema de vida dentro da floresta e preservando a floresta. (...) Os biólogos achavam que a floresta era um fenômeno natural e os índios e os seringueiros diziam não, a floresta nós cultivamos, a floresta é um jardim que a gente cultiva (Krenak, 2020).

Na busca por reflexões e levantamento de alternativas para esta crise climática e social - motor de opressão, violência e comercialização da subjetividade humana a partir de ferramentas disseminadoras da Monocultura, estrategicamente utilizadas por grandes e poderosas corporações - é que surge a dramaturgia do espetáculo *Ladino*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A memória te autoriza a narrar uma história sobre o mundo em que você vive,
a memória te autoriza a criar uma narrativa sobre o mundo”

Ailton Krenak

O espetáculo musicado *Ladino* emerge de inquietações contemporâneas e se constrói como uma resposta poético-política às crises socioambientais e às disputas de poder que moldam a sociedade atual. A fantasia e a ludicidade funcionam como dispositivos estéticos que amplificam o potencial crítico da obra. A música, conforme sugere Boal, prepara a plateia para receber e metabolizar conteúdos densos por meio da experiência simultânea entre emoção e razão.

A jornada do herói improvável que se vê de posse de um objeto mágico (as sementes) e que, contra sua própria vontade, passa a lidar com forças poderosas, constitui uma marca central do gênero fantasia e está presente na dramaturgia do espetáculo. *Ladino* é um personagem inicialmente despolitizado e sujeito-objeto de forças econômicas e sociais, que se vê responsável por carregar duas sementes, capazes de causar explosões de reflorestamento intenso ao entrarem em contato com o solo. Em seu percurso, ele confronta os chamados “Donos dos Nossos Destinos”, grandes magnatas que controlam a sociedade por meio da ilusão consumista do *ter* em lugar do *ser*. Essa ilusão, profundamente enraizada, acaba por seduzir também sua irmã, Kari (personagem-objeto da violência socioeconômica) que passa por uma drástica metamorfose e transforma-se na Rainha Kari (sujeito absoluto de suas ações), atraída pelo poder do consumo e da posse irrestrita. Ainda que *Ladino* e seus companheiros não alcancem uma vitória definitiva sobre esses poderes hegemônicos, a narrativa mantém uma fresta de esperança: as sementes permanecem com ele - e são elas que, ao final, são entregues ao público.

Temas como a monocultura, o respeito ao meio ambiente, o consumo como ilusão e a exposição das relações de poder - referências diretas a Boal e Krenak - aparecem em *Ladino* entrelaçados à fantasia, à fábula, a objetos mágicos e seres fantásticos. Essa conexão, mais metafórica do que literal, permite que a obra explore os campos estéticos e lúdicos do teatro enquanto dialoga com questões urgentes para a sobrevivência do ser humano. À luz das dificuldades enfrentadas pela COP 30, em Belém, para estabelecer um caminho concreto de substituição dos combustíveis fósseis, a sensação é de que temas decisivos continuam sendo adiados e que o futuro se desenha, cada vez mais, como um território inóspito e distópico.

A pesquisa prática, realizada a partir da criação ativa e contínua da dramaturgia, busca aprofundar e colaborar com o estudo sobre a potência política e transformadora presente nas artes da cena. A partir dessa perspectiva, este estudo aproxima-se de Boal e Krenak tanto formal quanto conceitualmente. De Boal, integra a estrutura que rompe a ilusão teatral e interpela o espectador de maneira direta. A presença do “*Ladino do Futuro*” - que observa a própria trajetória e comenta criticamente sobre o mundo que o fez - atualiza a Poética do Oprimido ao transformar a memória em espaço crítico e mutável e ao revelar os mecanismos de manipulação que sustentam a ordem social. Como afirma Boal, a cena é lugar de decifração dos sistemas de opressão, e é justamente esse desvelamento que a dramaturgia instaura.

De Krenak, *Ladino* incorpora a ideia de que a narrativa é uma ferramenta de compreensão do mundo e de criação de futuro. A simbologia das sementes, confiadas a um sujeito anônimo, desloca o foco da transformação do plano abstrato para o plano da responsabilidade cotidiana. A obra ecoa a crítica de Krenak à monocultura - econômica, subjetiva e espiritual - ao apresentar a fantasia como um par de “óculos” capazes de revelar realidades múltiplas e possíveis. Contra o esvaziamento da vida promovido pelo “Deus mercado”, *Ladino* afirma a potência dos povos da natureza e a urgência da ação contra as crises climáticas e sociais.

A criação dramática conta com produção audiovisual em projeção, composição e produção musicais, música ao vivo, performance, cenografia, maquiagem, mascaramento e figurinos. O uso de cada um desses artifícios implica na solução das cenas de modo a atingir e impactar o espectador, seja pela inteligência, seja pela sensibilidade.

Do ponto de vista político, a dramaturgia busca expor a complexidade das relações de poder por meio dos “Donos dos Nossos Destinos”, cuja lógica de controle - material e imaterial - remete à leitura de Boal e Krenak da sociedade regida pelo lucro como divindade máxima. O espetáculo evidencia como essa estrutura opera também sobre corpos vulneráveis: Kari, seduzida pela promessa de ascensão social, internaliza a racionalidade do sistema e reproduz a violência que antes sofrera. Sua trajetória contrasta com a de personagens como Ladino, Rato e Cilverio, que resistem à captura simbólica e material e criam brechas de insurgência.

A montagem incorporou princípios do Teatro do Oprimido na preparação do elenco, valendo-se de jogos, improvisações e do Sistema Coringa para instaurar multiplicidade de vozes e leituras em cena. Esses procedimentos cênicos deslocam a narrativa do campo do naturalismo para um espaço onde diferentes níveis de realidade convivem, tornando visível a disputa entre opressão e emancipação.

Assim, *Ladino* reafirma o teatro como espaço de imaginação política, capaz de confrontar as lógicas de dominação e de cultivar subjetividades resistentes. A conclusão do espetáculo - a entrega de sementes nativas ao público - sintetiza a articulação entre teatro e transformação simbólica. Ao colocar nas mãos dos espectadores um objeto carregado de responsabilidade ética e ecológica, a obra aciona aquilo que Krenak identifica como nossa capacidade de reencantar o mundo. O gesto final não é alegórico: é um convite à ação, ao replantio de um futuro e à reivindicação do direito de continuar inventando mundos possíveis.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa prática, realizada a partir do processo de montagem e criação da dramaturgia, propôs-se a analisar criticamente a potência política inerente às artes da cena em face da urgência ecológica e social. A necessidade dessa mobilização cênica está presente na constatação de Augusto Boal (1973, p. 25): “Somos seres vivos: precisamos de ar, água e terra. O ar está poluído pela fumaça, a água contaminada pelos detritos industriais, e a terra cercada de arame farpado e muros. E nós... não dizemos nada?”

É no enfrentamento desses artificios estratégicos de silenciamento e de passividade impostos à sociedade que o espetáculo *Ladino* se insere, na tentativa de contribuir com a fertilização do solo cultural para um futuro com “uma nação de muito pensamento bom, de onde uma produção de conhecimento muito rico poderá vir a colaborar no conjunto da humanidade, para nos colocarmos [como] pessoas plenas” (Campos; Krenak, 2021, p. 37).

A partir deste artigo e da pesquisa prática, é possível concluir que as artes da cena seguem evocando enorme potência política, cultural, poética e subjetiva, enquanto carregam o poder de promover transformações com resultados que buscam ultrapassar o tempo e o espaço estabelecidos para uma única apresentação teatral. Ao emergir o público desta fábula que engaja o pensamento crítico e a produção interna de subjetividade ao mesmo tempo em que quebramos a barreira invisível “público-intérpretes” e destinamos a missão central da peça para o público (o plantio destas sementes), imprimimos a nossa insistência em resistir aos processos de monocultura que assolam a agroecologia e a continuidade da humanidade na Terra e afunilam a capacidade de criação ao gerar obstinação por uma “realidade idealizada” que nunca será alcançada.

Assim, pretende-se provocar o público e o leitor para o estímulo da corrente contra a desmobilização coletiva que Krenak alerta: “É uma pena que a gente tenha chegado a essa desmobilização em que o povo indígena tenha que assumir a frente das lutas na floresta, na cidade, em qualquer lugar. (...) Cadê o resto dos brasileiros todos, estão fazendo o quê? Estão assistindo os índios enfrentar os garimpeiros, as madeireiras, as bandidagens nas florestas?”

Ao longo do processo de escrita e de prática, foi possível aprender e executar práticas desenvolvidas por Augusto Boal a partir do Teatro do Oprimido, e conceitos levantados pelo grande filósofo Ailton Krenak. Estes aprendizados dizem respeito às práticas de resistência que nós, como artistas, precisamos reivindicar. Inseridos em uma conjuntura social que vai contra o fluxo de criação, de experimentação e de descobertas pessoais, ao mesmo tempo em que incentiva o desmatamento e o uso em excesso da capacidade material de nosso planeta, não podemos nos contentar com a arte comercial que serve apenas para adequar e neutralizar

a comunidade de modo que nos tornemos consumidores passivos, paralisados pelo medo da transformação e sem ânimo ou forças para organizarmos uma possível reação.

Este artigo fez parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso mas é apenas o início de uma pesquisa que pretendo seguir investigando em futuras produções, criações e trabalhos artísticos. Para dar continuidade ao projeto, pretendo determinar objetivos específicos no intuito de expandir o alcance, a potência e a investigação acadêmica e científica, tais quais: a persistência em manter o espetáculo ativo em temporadas; o estudo elaborado de obras de outros pensadores e pensadoras que se debruçam sobre estes temas (como Viviane Mosé, Vandana Shiva, Viola Spolin e outros); o aprofundamento nas demais obras de Augusto Boal e Ailton Krenak e a tentativa de uma conversa pessoal com Ailton Krenak sobre as estruturas de poder e possibilidades de transformação concretas enquanto coletivo artístico.

Por fim, este trabalho investigou como a poética da cena pode reativar a capacidade crítica da sociedade e atuar como força de resistência e de fertilização concreta e subjetiva. Não como mercadoria, mas como reação espontânea, inerente e instintiva de todo ser humano.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO NACIONAL. Dina Sfat entrevista Augusto Boal (1979). [Vídeo]. YouTube, 11 jun. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=taO1BhChBi8>. Acesso em: 15 nov. 2025.

AUGUSTO BOAL | Programa Marília Gabriela Entrevista. [Vídeo]. Disponível em: YOUTUBE. [S.l.]: 20 set. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e6OrltD8_o0. Acesso em: 15 nov. 2025.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido** e outras poéticas políticas. São Paulo: Cosac Naify, 2013

BRASIL. Junta do Governo. Carta Régia de 13 de maio de 1808. Manda fazer guerra aos índios Botocudos. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/carreg_sn/antioresa1824/cartaregia-40169-13-maio-1808-572129-publicacaooriginal-95256-pe.html. Acesso em: 22 nov. 2025.

CAMPOS, Yussef; KRENAK, Ailton. **Lugares de origem**. 2. reimpressão. São Paulo: Jandaíra, 2024.

CLUTE, John; GRANT, John (org.). *The Encyclopedia of Fantasy*. New York: St. Martin's Press, 1997.

OLIVEIRA, Gleydson de Castro. **Mandu Ladino**. Em: OS BRASIS E SUAS MEMÓRIAS, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/mandu-ladino/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

GREENPEACE BRASIL. Rio Doce. [S.l.]: Greenpeace Brasil, 2015. Disponível em: <https://www.greenpeace.org.br/riodoce>. Acesso em: 14 nov. 2025.

INSTITUTO AUGUSTO BOAL. Augusto Boal. [Vídeo]. YouTube, 1 maio 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw>. Acesso em: 15 nov. 2025.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. Vozes da Floresta | Ailton Krenak. (Série Vozes da Floresta). Entrevista concedida a Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo, 14 abr. 2020. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KRTJH1os4w>. Acesso em: 14 nov. 2025.

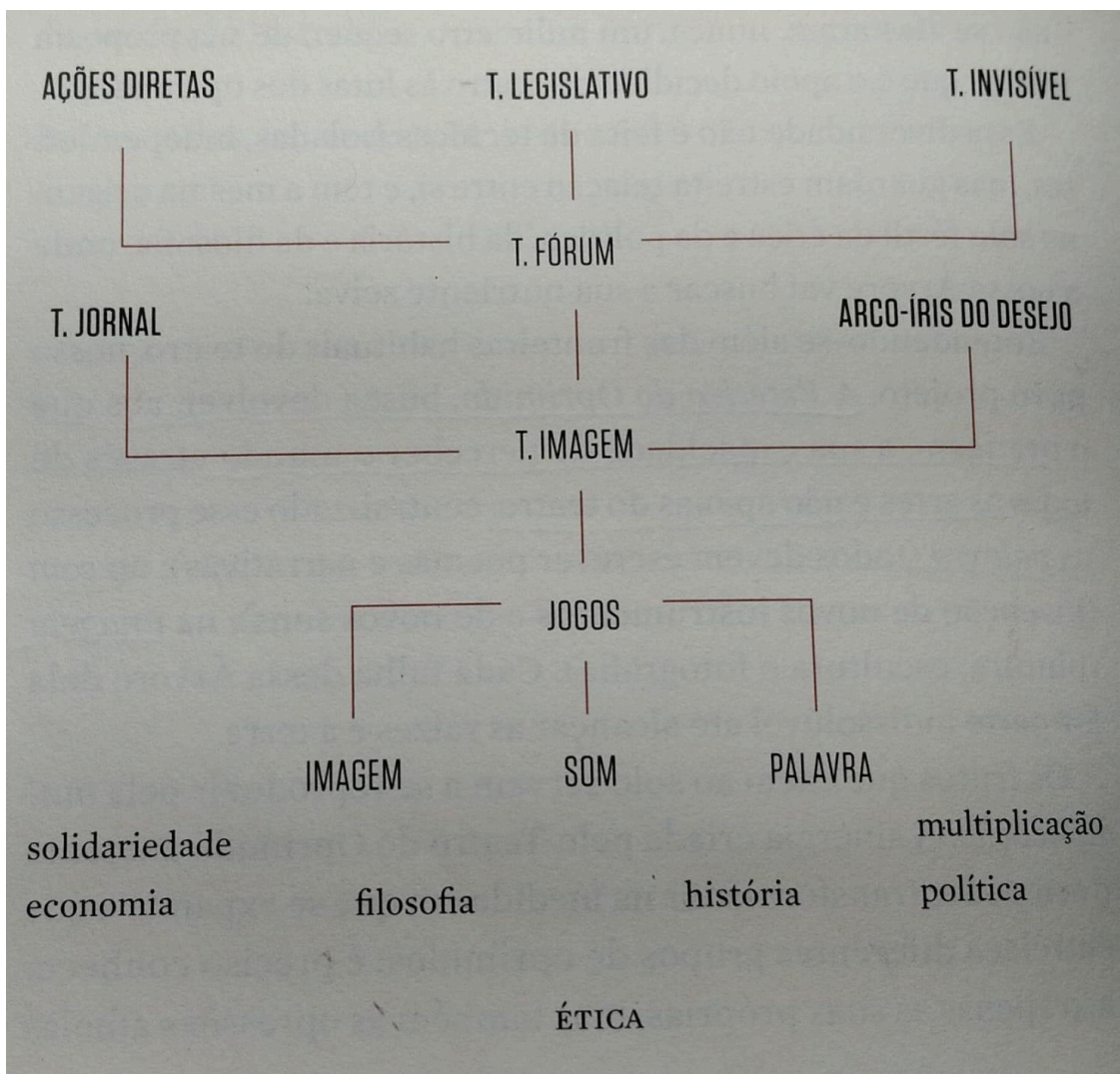
OLIVETO, Paloma. Um quinto da população mundial está sob risco de "apocalipse climático". Correio Braziliense, Brasília, 23 maio 2023. Seção Ciência e Saúde. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2023/05/5096253-um-quinto-da-populacao-mundial-esta-sob-risco-de-apocalipse-climatico.html>. Acesso em: 14 nov. 2025.

PADOVEZI, Mandú J. **Ladino**. Brasília, 2024. [Dramaturgia não publicada]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Rio de Janeiro.

SURUÍ, Txai. A ditadura militar e os indígenas. Folha de S.Paulo, São Paulo, 6 abr. 2024. Colunas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/txai-surui/2024/04/a-ditadura-militar-e-os-indigenas.shtml>. Acesso em: 14 nov. 2025.

TV CULTURA. Krenak, Uma História de Resistência. (Matéria de reportagem). Entrevistas com líderes Krenak e especialistas. São Paulo, 5 fev. 2023. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=HTo8PHpcTAE>. Acesso em: 14 nov. 2025.

7. ANEXO A – Árvore do Teatro do Oprimido



8. APÊNDICE A - ROTEIRO COMPLETO: LADINO

LADINO

por

Mandú

Direitos autorais de Mandú, 2024
Todos os direitos reservados

Mandú Jacob Padovezi
mandujacob@gmail.com

Personagens:

Ladino

Ladino do Futuro

Kari

Mãe

Cilverio

Rato

Mr. Ilusio

Capataz

Garça

Cobra

Robô

Um Cabra

Cena 0 - Pré-texto

No telão está escrito a letra da primeira música:

Eu coloquei o pé na estrada, tinha quase nada

Quando eu vi um pedaço de terra

Eu segui em direção e assim sem noção

Há uma música instrumental que contextualiza o público e o insere no universo do espetáculo. Incensos estão acesos e há um ambiente e luzes que procuram indicar o surrealismo, a entrada triunfal e a magia.

O cenário é composto por duas mesas com rodinhas nas pernas, além do telão com imagens. Depois de o público se estabelecer, o elenco todo começa a primeira música, dividindo o público em três e fazendo três vozes em cânone. A instrumentalização da primeira música é ao vivo, pelos atores

1 - Pé na Estrada/Paralelo Tão Real

Um paralelo tão real quanto a própria imaginação

Ou é

Um futuro próximo numa liquidificação

Eu coloquei o pé na estrada, tinha quase nada

Quando eu vi um pedaço de terra

Eu segui em direção e assim sem noção

...

Depois de algum tempo, Ladino do Futuro, que está com os outros personagens cantando, se destaca, sentando-se no proscênio.

LADINO DO FUTURO

Tudo o que é vivo é condenado a morrer. Mas está programado para lutar pela vida. É o tempero da vida... Foi feito pra dar sentido à vida.

O que é dar sentido à vida? É ter alguma coisa que seja principal, que preencha a nossa existência. No meu caso, é um sonho de lutar por um mundo um pouco melhor. Se você não se propõe um objetivo, uma causa, vai acabar passando a vida inteira pagando conta.

Vencer na vida é começar de novo cada vez que você cai. Meu legado é nada.
Meus companheiros é que seguem lutando.

Essas coisas que eu estou dizendo em geral não são ditas.
O que vocês verão aqui, agora, não é uma ficção, um sonho. São as minhas memórias.
Memórias que eu tenho guardadas no fundo da minha cabeça. Coisas que eu
presenciei.

Eu sou o Ladino, brasileiro completo. Inteiramente forasteiro. Nascido pela metade com
a vontade de um inteiro.

*Enquanto Ladino do Futuro fala, as outras personagens arrumam o palco e saem de
cena Após sua fala, Ladino do Futuro se estabelece na plateia*

ATO I

Cena 1 - Parto

*Começa a música inicial “Corre Como Ninguém” instrumental junto com um berro
de mulher e uma conversa, em off*

CILVERIO

Respira, presta atenção na respiração...

MÃE

Eu não quero que ele nasça aqui.

PESSOA I

Calma, senhora, se não, a gente não tira isso daí de dentro!

MÃE

O que é que você disse?

CILVERIO

Fica quieto, cara...

PESSOA I

Foi mal, foi mal...

MÃE

Foi mal é o escambau! Me ajuda aqui, Cilverio. Ele não vai nascer aqui.

CILVERIO

Pra onde você quer ir?

MÃE

Pra lá! Pro centro do universo.

PESSOA I

Senhora, vc ta doida!? não é seguro pra você!

MÃE

Então vai embora! Eu vou parir essa criança sozinha.

CILVERIO

Carrega ela! Ajuda aí, pô!

Entram carregando a Mãe

PESSOA I

Oi, gente, olá, olá... licença...

*Pessoa I fica desconfortável com o público enquanto carrega a Mãe com Cilverio.
Vão para o Centro do Universo.*

PESSOA I

A criança gente, cuidado com a criança!

MÃE

Ali em cima. É ali que ele vai nascer.

CILVERIO

Isso, agora sim!

Eles a colocam em cima de uma das mesas, alta e florida.

PESSOA I

Caramba, mas fez a gente te carregar até aqui, nesse calor... espero que essa criança valha a pena!

A Mãe observa a pessoa I profundamente, segura a gola dela e o empurra. Ele cai e desmaia

CILVERIO

Faz força, está saindo!

Grito da mãe

MÃE

Eu preciso que ele nasça aqui.
Esse é o centro do universo. Aqui é o único lugar que ele pode nascer. Meu filho. Ladino!

CILVERIO

É um nome muito bonito. Só mais um pouco, vamos lá!

Foco em Pessoa I e Mãe fazendo o parto acontecer

PESSOA I

(acorda e olha por baixo) Vai dar tudo certo, já dá pra ver! (para Cilverio) A cara do pai!

MÃE

(gritando de dor) Desgraçado! Não brinca comigo.

CILVERIO

(apaziguando) Deixa de besteira, bebê nem tem rosto. Só mais uma, inspira! Já estorou a bolsa!!!!

Foco na palavra “Inspira!”. Pausa. Feixe de luz amarelo muito forte. Rufam-se os tambores, há uma inspiração profunda e extremamente rígida de todos em cena até que expiram em um som de relaxamento completo, harmonizado.

Quando expiram, há um flash de imagens da natureza no Telão e Ladino sai da grande saia da Mãe, por debaixo da mesa, dando cambalhotas e fazendo a sua entrada. A letra da música inicial começa pelo coro.

2 - Corre Como Ninguém

(x4) Corre como ninguém

LADINO

Desde muito cedo, ouve o que eu tô falando
Desde muito cedo
Nunca tive medo, ouve o que eu tô falando
Quase nunca tive medo

A pinta do tal
garoto fenomenal
Deixa de lado todo o mal olhado
Fica bolado com o amor que deu errado

LADINO

Acaba que é assim,
nascir enquanto ecoa um hino
Adeus passado, seja o que for
Estou na mão do destino.

Corre como ninguém (x4)

MÃE

Sempre arrogante
Faço de qualquer situação
Meu armagedom

Viva e feliz
aproveito cada instante
Viva e arrogante

MÃE

Num dia como este, o céu se abriu,
E eu vi uma luz azul passando à mil.
Era o fim

E dito e feito, o pior aconteceu
Recuperei as forças e recomecei, eu tenho esse
dom E não há Armagedom que me tire de mim!

CORO

Corre como ninguém (x4)

KARI

E nas matinês
decidi me embriagar de mim, de uma vez
queira ou não queira esse é o meu
momento

E mesmo na pior tormenta
O sol vai e vem

CORO

Corre como ninguém

KARI

A gente trabalhava dia e noite, vendendo canetas e ganhando pouco
Vendendo canetas e ganhando pouco.
Semana passada eu fui ver a Sibila, a cartomante da vila.
As cartas disseram que meu caminho é o passado.
Mas que sono danado...

CORO

Corre como ninguém (x4)

*Eles se deitam cansados e dormem, ralentando o ritmo da música até
parar.*

Cena 2 - Encontro

A mãe acorda, olha os dois dormindo e se levanta. Quando ela sai de cena, ela continua aparecendo, mas em uma gravação no telão. Ela abre um abacate e o espalha no cabelo.

A irmã acorda, olha para Ladino dormindo e olha para a mãe fazendo um chá. Ela pega um dinheiro em um esconderijo, onde ladino dorme. Imediatamente corre para fora e imita uma coruja.

*Cilverio aparece e a irmã vai para a coxia com ele.
Em cena, aparece Ladino, dormindo. No telão, aparece a mãe, que bebe o chá e medita.
Cilverio e Kari se estabelecem no Telão. Cilverio mostra algumas iguarias e alguns tecidos para Kari, que o paga e os pega.*

Enquanto eles barganham, Ladino levanta e se espreguiça. Cilverio se despede de Kari, sai do telão e entra em cena, dando de cara com Ladino. Eles se olham felizes, se abraçam e se sentam à mesa.

LADINO

Olha só quem tá aqui!

CILVERIO

Boa noite...

LADINO

Já saquei tudo, você veio pra perder mais uma vez no buraco!

LADINO

Se prepara hein...

Ladino distribui algumas cartas, eles jogam buraco

LADINO

E aí, como tá a venda?

CILVERIO

Está rolando, viu. Arrecadamos 27% da meta. A Kari tá ajudando bastante...

LADINO

Eu não sei onde é que ela arranja esse dinheiro. Vendendo caneta que não é...

CILVERIO

Diz ela que começou a vender doce na feira.

LADINO

Doce? Bati.

CILVERIO

Já?

LADINO

Pesca não, hein.

CILVERIO

Doce. A sibila pôs as cartas pra você.

Ladino pega o monte do morto e eles se concentram no jogo.

LADINO

Não. Não sei, sinto que não vai mudar nada. Se é pra acontecer, vai acontecer. Não tem pra quê essa pressa, essa ansiedade de querer saber o futuro. Eu prefiro a surpresa. (desce cartas) Uma real!

CILVERIO

Ela me disse que sonhou com você. Que vocês atravessavam um deserto no meio de uma tempestade de areia. E assim que vocês chegaram no mar, todas as estrelas se apagaram. Depois, naquele céu sem luz, ela disse que todos pararam, mas você continuou andando. (descarta) Em direção ao mar.

Ladino pega o centro e joga todas as cartas na mesa

LADINO

Ah! Mas aí! Você deu a que eu precisava... bati! Valete, dama rei... ás de paus e trinca de sete! Completo aqui com outra real, um coringa aqui junto com o dois...

De repente Cilverio saca uma trouxa com duas sementes brilhantes dentro e a entrega para Ladino.

CILVERIO

Olha... Eu preciso que você guarde isso pra mim, por favor?

LADINO

Que é isso?

CILVERIO

São duas sementes, que um companheiro me entregou. Se supõe que elas têm efeitos em massa e que podem transformar a natureza de formas absurdas.

LADINO

Como assim, semente que muda a natureza? A gente tem que plantar isso agora!

CILVERIO

Não! Tem gente atrás dessas sementes.

LADINO

Ahh, não não não, gente atrás disso? E você vai deixar comigo?

CILVERIO

Não tem problema, ninguém desconfia do interior. Nunca que alguém vai achar que as sementes estão por aqui, não faz sentido.

Ladino observa a trouxa

CILVERIO

Dois dias no máximo. Eu só preciso resolver um caso com um cabra, amigo meu... tem um touro imparável devastando a plantação que...

(se interrompe, vendo Ladino)

Olha, pode até ser que eles vão atrás de alguém de mim, mas de você é muito difícil, não tem como.

Ladino permanece olhando para a trouxa, desconfiado.

CILVERIO

A Sibila confirmou que eu devia te entregar, ela não erra. Se passar de dois dias você planta, fechou?

LADINO

Vou plantar assim que você sair pela porta, malucão. Me deixar com semente
mágica... *Cilverio abraça Ladino*

CILVERIO

Cuida bem disso. Se cuida!

Ladino fica olhando para a trouxa e depois de um tempo a guarda na virilha. A irmã e a mãe dormem no telão e Ladino fica na mesa em cena. Blackout no telão.

Cena 3 - Subúrbio

*Ladino anda por aí, para a frente do palco. É madrugada, ainda está de
noite.*

LADINO

Aaai, que fome.... (anda um pouco) Não dá pra ver nada lá fora, mas hmm,
que cheirinho... bom, é o jeito. (quase pula para o público quando Kari entra e o
chama)

KARI

Ladino?

LADINO

Irmã? O que você está fazendo acordada?

KARI

Pra onde você tá indo?

LADINO

Tava indo catar uma fruta no pé. O que aconteceu?

KARI

Eu tô me sentindo estranha...

LADINO

Tá com uma carinha mesmo... péssima, acabada, doente...

KARI

Nossa Ladino, eu tive um pesadelo!

LADINO

Ah não! Conta, vai...

KARI

Sonhei que eu era uma coisa meio que um fogo, mas não era fogo, eu não sei. Eu saía por aí devorando tudo, deixando só poeira e cinza atrás de mim. Eu tentava fugir porque eu não queria machucar ninguém, então eu pulei na água. Mas mesmo dentro da água, eu não conseguia parar e acabei engolindo toda a água.

LADINO

Sabe o que isso significa?

KARI

O quê?

LADINO

Fome. Olha essa carinha de desnutrida, anêmica...

KARI

Anêmica?! Você acha que eu estou com anemia? Bom, já que eu estou tão capenga, fraca, anêmica, frágil, desnutrida...

LADINO

O que você quer, bichinha...

KARI

Você não faz aquele doce de manga?

LADINO

(ri) Sabia! Vou lá catar umas mangas no quintal de trás, vai dormir, vai, bichinho de goiaba. *Tudo está completamente silencioso. Ladino canta uma música pela plateia.*

3 - Subúrbio

Sem movimento
nem o galo acordou
Só o riacho coxixa
no interior

O primeiro raio de sol
aparece

E o rosa chiclete da manga
reflete

Ultrapassando
Uma diagonal de 45 graus
até chegar no besouro

No couro do boi
Na cerca elétrica da tia Beth
Segue sem rumo, desenfreado
no espelho do retrovisor
na grama e na flor

Sai um arco-íris do sereno que ficou da madrugada

Durante a música, a iluminação conversa com a cenografia, emitindo raios de luz que refletem e indicam os diferentes objetos citados, até a “cerca elétrica”, que acende uma geral e fica dia (esse jogo também pode ser feito pelos atores com lanternas)

LADINO

Ahh, que diação bonito! Nem lembro a última vez em que o tempo ficou assim. Ou é pé d'água ou é só poeira. Ou os dois ao mesmo tempo, chuva, poeira, (com sono) chuva, poeira, chama, coleira, povo, chuveira, peneira, asneira, cachoeira... cachoeu... eu. Eu vou ter a minha terrinha, plantar ouro... numa cachoe...

Quase dormindo, se escutam gritos e fogo. Quando Ladino retorna correndo, tudo está em chamas. Nenhum sinal da Mãe nem da irmã. As chamas são feitas por um tecido com um efeito e uma pessoa chacoalhando o pano.

LADINO

Mãe!!! Karin! Meu Deus, vai ter que ser!

Ladino se desespera e ao quase entrar no fogo é interrompido (o fogo é o capataz segurando um tecido)

FOGO

O tempo e o espaço não pertencem à existência. Com a potência de uma energia infinita, tudo o que passa por mim agora é tudo. Eu não sou nada e não deixo de ser nada e assim, ganho consciência. O que você vê em mim não passa de um comando cerebral, de um pedido desesperado por um pouco de compreensão da realidade.

LADINO

Eu não dou a mínima, é minha família que tá aí!

FOGO

Tudo é e tudo acontece na intensidade da minha respiração (inspira profundamente) o fluxo imparável do presente, do passado e do futuro correm por mim neste e em tantos outros instantes. Um buraco atemporal se abre, apenas para aqueles que realmente estão preparados para vê-lo.

Ladino vai em direção ao fogo atrás de sua família. O fogo o engole em um blackout. Som da mãe de Ladino e Kari gritando pelo nome dele.

Cena 4 - Interrogatório

Acende a luz.

Ladino está amarrado no centro do palco, Capataz no canto. Ladino está acordando.

CAPATAZ

Não acredito que ele caiu nessa!

MR. ILUSIO

Ho, ho, ho... Sim, ele é um idiota, mesmo! Agora silêncio, vamos começar. Vamo lá, seu zero negativo. Desembucha: pra onde foi o Cilvério?

CAPATAZ

Pra onde ele foi?

LADINO

Você tacou fogo na minha casa!

MR. ILUSIO

Eu? Claro que não... hahaha... Eu apenas dei um abraço carinhoso e caloroso em vocês. Desencana, elas vão ficar bem... desde que você me diga: onde está a arma que o seu companheiro deixou com você?

CAPATAZ

Onde tá a arma?

Ladino passa um zíper em sua boca (sem as mãos) e se nega a falar.

MR. ILUSIO

Nós temos provas de que Cilverio estava com uma arma devastadora em mãos...

CAPATAZ

... devastadora...

Ladino finge não ouvir

MR. ILUSIO

Que agora está com alguém da sua família.

Ladino continua ignorando-o

MR. ILUSIO

Olha aqui, moleque, meu olfato não erra!

Ladino solta uma longa e aguda flatulência

MR. ILUSIO

Vamo lá, moleque, o que é isso aí?

As luzes se apagam e somente a virilha de Ladino brilha. As luzes acendem

novamente Ladino gesticula que não deseja nenhuma segunda intenção para com o

interrogador

LADINO

Eu sei lá.

MR. ILUSIO

Olha meu irmão, deixa eu te explicar um negócio. Nós somos da igreja, nós trabalhamos no governo, somos pessoas de bem! Você entende, não é? Se você realmente estiver portando o que eu sei que você está portando, a humanidade corre um alto risco, meu filho. Você entende, não é? Você tem que cooperar para o bem da sociedade. Essa arma aí pode explodir terras, plantações, gado, cidades, a economia. Tudo o que você conhece! Fala alguma coisa, homem! Não me faça ter que botar a mão aí.

CAPATAZ

Não faça meu chefe botar a mão aí!

MR. ILUSIO

Para de repetir o que eu falo! Já tenho que lidar com um meliante. Não quero ficar ouvindo a voz de capataz.

CAPATAZ

Chefe, me desculpe, não foi a minha intenção, você é

grandessíssimo! *Ladino está se desamarrando*

MR. ILUSIO

De novo? Desgraçado! Você deveria estar trabalhando em escala 7x0 pra não ter tempo pra pensar.

Ladino pega a semente e a arremessa no chão. A cena é reconstituída pelos atores enquanto Ladino, Mr. Ilusio e Capataz saem em câmera lenta, aguentando a explosão

CAPATAZ

Pelo amor de deus!

MR. ILUSIO

...Desgraçado!

LADINO DO FUTURO

A sustentabilidade é o objetivo do milênio... Nós fomos sustentáveis quando o mundo ofertava o tanto que nós, a humanidade, demandávamos. Hoje nós estamos consumindo duas terras, dois planetas, por ano. Se nós estamos indo pra Marte é porque a gente tá vendo que vai ter uma hora que a gente já comeu a Terra. Então nós vamos comer o próximo planeta, depois a gente vai comer Júpiter e depois a gente vai comer o Sol.

Som de metrônomo

Há uma explosão de verde, marrom e azul. Os atores reconfiguram a cena. Ladino retorna e sobe na mesa

Cena 5 - Caminho da Nuvem

LADINO

(acordando inspirando profundamente, assustado) Ai, que pesadelo... não aguento mais dormir, sonhar, acordar. Ai... um monte de água evaporando, gente gritando, eu me afogando sem conseguir gritar...
(olha finalmente para baixo e depois para a borda da nuvem) Calma... é uma nuvem! Eu estou em cima de uma nuvem. Sonho coisa nenhuma, eu fui sequestrado, queimaram minha casa...! (pega a outra semente e a aperta contra o peito).

olha para baixo

Pra quê? Qual a utilidade? Tanto sonho, tanta fantasia, ilusão... serve pra nada.

4 - Trajeto da Nuvem

Não era um bom dia
pra quem queria
sair pra passear

No canto do olho
comprar um repolho
ou quem sabe um mini frigobar

E meio sem jeito
o caminho lento
e a cabeça pronta pra pensar

Embora seja muito comum
Você nunca imaginou que poderia acontecer
Logo com você
entre tantas pessoas

E o trajeto da nuvem
é o caminho que eu vou seguir

Não era um bom dia pra quem queria

Trovão

Ih! Mas vai chover comigo aqui em cima?

Conforme a tempestade acontece, o cenário é novamente modificado pelos próprios

atores

ATO II

Cena 6 - Cidade Ilusio

Chegando na cidade, Ladino se depara com uma grande porta em formato de gota (no telão, gravado anteriormente) escrito “Necessitudo”. Som de chuva constante

A gravação no telão mostra o ponto de vista dele, que entra pela porta e observa em geral as pessoas dançando mecanicamente e inconscientemente, sorrindo, cumprimentando, imparáveis, sem sentimentos ou emoções. O som de chuva se mantém mais baixo

ROMÃO

Você precisa de ajuda? Você não está se sentindo bem?

LADINO

Mais ou menos, é que...

ROMÃO

Não se preocupe! Aqui na Necessitudo você pode contar com uma pipoca da alegria ela faz bem! Compre uma, compre duas, compre quantas quiser!

Ladino observa no telão que todas as pessoas estão pegando mãozadas e mãozadas as pilulas coloridas

ROMÃO

Se faz bem que mal tem?! Ha-ha-ha! Ordem, Ordem. Você precisa de ajuda? Você não está se sentindo bem? (segue dando o mesmo texto e sai de cena)

Ladino toma uma pipoca.

Há um som de hiperfoco para o silêncio. Ele começa a prestar mais atenção nas pessoas e a câmera, no telão, dá um close in em pessoas e conversas, mostrando os seus diferentes lados. Aos poucos essas imagens ganham som.

P1

Nossa, adorei ter te conhecido! Você é linda!

P2

Olha esse nariz, essa bochecha! O botox valeu cada centavo!

P3

(rindo) O chefe quase desmaiou de raiva enquanto o povo ria!

RÁDIO

Uma intimidade sintetizada, plastificada. Nos contentamos com o que é apenas o suficiente. Para o mecanismo, não existe dualidade, incertezas ou subjetividade.

P4

Passada, e aí?

P5

Não, mas o post que eu fiz antes de ontem já está com mais de 4000 curtidas! Olha, 4308.

RÁDIO

A inteligência, quando é artificial, sempre te oferece uma neutralidade. Existe neutralidade? Quem desenvolveu essa neutralidade? A que fim?

P6

Aquele meme me pegou demais! As crianças fingindo ser animais...

RÁDIO

Uma falsa facilidade para fazer contato... irreal. Sem intervalo. Necessidade de tudo. Tudo vira a mesma coisa.

P7

Eu sei que eu sou privilegiada, mesmo assim...

RÁDIO

Coletivização em massa, massas iguais, massas diferentes.

P9

Amor, não é assim, você tem que me contar!

RÁDIO

Atrofiação cerebral.

P10

Não vai sobrar um fio desse rato...

RÁDIO

Espetacularização.

P11

Ahh, eu não confio em ninguém além de mim.

RÁDIO

Os comerciais!

Som de rádio distorcendo, procurando canal.

Silêncio brusco.

TODOS EM UNÍSSONO

Não vai rolar.

A fala em uníssonos ecoa pelo ambiente e uma música instrumental instaura o ambiente.

Cria-se um suspense para a aparição do Rato. Assim que aparece, instaura um ambiente amigável e tranquilo.

A música é acompanhada de uma performance espetacular

No telão, as pessoas continuam dançando como antes

RATO

5 - Qualquer Coisa

Qualquer coisa que estimule os seus sentidos
dá pra vender

Venha ver de perto essa ganância
que em última instância
é capaz de te deixar fora da dança

Êeeeh
Eu que dançe sozinho
Ôoooh
Osso duro de roer

RATO

Você não é daqui... (*observando a semente brilhante no bolso de Ladino*)

LADINO

(Curando da viagem, um pouco ressaqueado) E aqui não pretendo ficar. (levanta-se para sair, mas se detém na saída, observando)

O som da chuva intensifica novamente

RATO

Mas também com essa chuva, você e nem ninguém vão pra lugar algum...

LADINO

Festa estranha, gente esquisita, eu não tô legal... Que que é isso, hein? Que que tá rolando? Esse pessoal...

RATO

Não encana não, eles não são de verdade. O que é isso? (apontando para a semente) *Ladino tira a mão do rato de seu bolso, onde deixou a semente*

LADINO

Como assim “eles não são de verdade”? Tão aqui, dançando e... tudo.

RATO

(tomando uma pílula) Não são de verdade. Seus ossos e músculos funcionam perfeitamente, com alguma limitação ou outra. Mas tadinhos, tanto jeito de organizar as coisas... e eles se organizam assim... me lembra até um pouco a minha época no laboratório, sabe? Testes, cremes, irritações, injeções (se coça com a perna) ... quer? (oferecendo a Ladino)

LADINO

Então... eu tomei uma dessas, me deu uma desvirtuada... o que é isso?

RATO

Ilusão.

Lugar que você vive
onde não tem mais vida
E se você insiste
Toma-lhe mais uma pílula!

CONTINUAÇÃO MÚSICA

Quem diria que a pantera foi domesticada
e agora come de garfo e faca
E ela já não pode despir-se!
Quem diria que o leão tá mais mole que macarrão cozido
que passa o dia inteiro sentado
E não pode ficar magoado!
Qualquer coisa! (que estimule os seus sentidos)

Ladino tira um baralho consigo e o embaralha

RATO

Quer jogar um buraquinho até a chuva passar?

LADINO

Um buraco... bom, se prepara.

RATO

Por quê?

LADINO

(observa Rato por um tempo, confiante) Desce.

Rato distribui as cartas, ladino corta o morto, o jogo começa.

RATO

Então, seu...?

LADINO

Ladino.

RATO

Seu Ladino! O que te traz por essas bandas?

LADINO

Vamos dizer que eu... escorreguei.

RATO

Meus pêsames, escorregar bem na cidade do Mr. Ilusio. Isso aqui é uma selva de concreto a céu aberto.

LADINO

Se eu soubesse eu não teria estourado aquela semente...

RATO

Semente? Do Centro do Universo?

LADINO

Bati!

RATO

Fê da puta! Oh, desculpe. (vai pirando)

LADINO

Como você sabe o que é o Centro do Universo?

RATO

Eu sei de tudo! Foi noticiado pela BBC... bem, minha mãe me contou.

LADINO

Você sabe como eu faço pra voltar pra lá?

RATO

Ish, mas assim de grátis, é mais difícil né...

LADINO

Eu não tenho nada...

RATO

Então pergunta pro Romão!

LADINO

Romã?

RATO

Não, Romão!

É um humanóide. Cada estabelecimento tem um agora, virou moda. Eles te servem, aí não precisa mais de gente!

LADINO

E qual é o problema com gente?

RATO

Hmm... (joga a sua vez ignorando a pergunta) Romão! Puiu, Romão!

ROMÃO

O que você deseja, mestre?

LADINO

Ah, eu vi esse bichinho!

ROMÃO

Sim, aqui, na Cidade Ilusio! O que você deseja, mestre?

LADINO

Cidade Ilusio?

ROMÃO

Obra do magnífico Mr. Ilusio...

RATO

Ah não, você ativou...

ROMÃO

Confunde a sina com a sorte
a vida com a morte
O salto com o alto
Estilhaça a personalidade no asfalto

Ato falho, fracassado

Pseudo abismo

Concreto, enfiado

Tecno-feudalismo

Intimidade sintética

Atividade frenética

Eles querem

Eles não querem

Os Donos dos Nossos Destinos

A fantasia, o caricato

por detrás do musgo
Buraco de minhoca
Cidade Ilusio!
Ilustre, de sua maneira.

RATO

Ah, ufa, acabou. Não aguento mais ouvir isso, é na saída do metrô, é na TV, é no rádio, é no treco de videozinho...

LADINO

Tá! E como eu faço para ir para o Centro do Universo?

ROMÃO

Pesquisa

LADINO

No Google?

RATO

Você tava fora do planeta, mermão?

ROMÃO

Centro do Universo. Vá para o norte por vinte e sete quilômetros, depois para o oeste até o sol se pôr, pular o rio freguesia, atravessar o que sobrou da mata atlântica...

Ladino fica repetindo tudo o que o Robô fala, tentando memorizar

ROMÃO

Depois é só caminhar mais 33 km na direção noroeste e você chegará em seu destino.

Enquanto Ladino está distraído, Rato alcança o bolso de Ladino e pega a trouxa com a semente sorrateiramente - mas muito feliz de ter pego - e a guarda consigo.

RATO

Cuidado que daqui a pouco ele está cobrando do seu cartão e você nem sabe...

Som de chuva domina o ambiente, a conexão com o Romão é interrompida e o telão mostra o prédio visto por fora, com todos os seus 30 andares. A luz diminui de intensidade.

LADINO E RATO

Uai!

ROMÃO

(em off) ATENÇÃO! ATENÇÃO! (tocam sirenes, as pessoas continuam dançando, a música pára) Devido às fortes e imparáveis chuvas, teremos que subir para o próximo andar. Não é recomendado que vocês tentem sair por nenhuma porta ou janela. Lembre-se, a Necessitudo oferece tudo pra você, sempre! Enquanto nós cuidamos das crises climáticas, vocês continuam a festa! O seu estabelecimento queimou? A sua casa alagou? Ligue 0800-8996... (morre e sai de cena)

RATO

Sobe, sobe! Tá chovendo e podemos morrer, Corre!

LADINO

Calma aí. (olha para o seu baralho por um tempo) Eu consigo bater nessa jogada, rapidinho...

RATO

Vamos logo, você já estava ganhando, bora!

Ladino e Rato saem de cena. As pessoas ficam até a água cobrir completamente a cena. Assim que a água cobre esse andar, vemos os outros 30 andares por fora sendo alagados na projeção.

A cena é cada vez mais abafada por um som surdo, de bolhas e de fundo do mar, até este som preencher completamente a ambientação sonora, depois sumirá em um fade out

Cena 7 - Kari

Mãe entra em cena, o telão é verde, marrom e azul.

MÃE

Kari! Ladino! Kari! Aqui! (vê o lenço) Vamos, mãe da mata, me ajude a encontrar meus filhos.

A mãe se senta e medita de olhos fechados, captando forças. Kari aparece atravessando a cena, sem olhar para os lados. Quando ela está quase saindo, a Mãe a vê

MÃE

Kari, minha filha! Que bom que você está bem (se abraçam).

KARI

Mãe! O Cilverio precisa muito falar com a senhora, mãe, é só ir por onde eu vim. A mata está aberta (apontando). Pode ir.

MÃE

Mas, como assim? E o Ladino?

KARI

Bom... pelo que o Cilverio falou, o Ladino meio que causou isso tudo... com uma semente.

MÃE

Ah não... Tem a ver com aquela associação moral do Cilverio?

KARI

Não sei. Pelo que o Cilverio falou, o Ladino foi parar numa tal de Cidade Ilusio.

MÃE

(Tapa a boca de Kari) Cala a boca, menina. Alguém pode te ouvir.

Você fica aqui e eu vou atrás dele. É muito perigoso, tem coisa que... que você não entende!

KARI

Mãe, semana passada eu fui ver a Sibila e ela me disse que uma grande explosão iria acontecer e que o meu destino ia ser transformado. Eu preciso seguir o meu instinto e ficar em movimento. Eu vou, com ou sem a sua benção.

Pausa

MÃE

Filha, Kari significa estrangeira. A estrangeira tem sempre que tomar cuidado onde pisa. Vai minha filha, se é o seu destino, não há nada o que eu possa fazer.

As duas se abraçam

Kari dá um beijo na testa de Mãe e depois Mãe dá um beijo na testa de Kari. Mãe sai de cena por onde Kari entrou.

KARI

6 - Outra Terra

Ir me dá tanto medo
Ir me vira ao avesso
Me enche de preocupação

Me tira do meu pulmão todo o meu ar

Mas ficar não tem jeito
Mostro como é que faço, pago pra ver
Saio do compasso para surpreender
Vou traçar meu traço em alguma outra terra

Que me deixe
de ponta cabeça
Que eu fique
com os pés no chão

Conheço a sua velha laia de querer ficar
sacode o braço e a poeira só pra me virar ao avesso
Me enche de preocupação
me tira do meu pulmão todo o meu ar

Mas ficar não tem jeito
Vou varar a noite, a vida tem que ficar
Cheia de alegria, não sei se vou voltar
vou levar a viola para alguma outra terra

Que me deixe
de ponta cabeça
Que eu fique
Com os pés no chão
Que me deixe
de ponta cabeça
Que eu fique
Com os pés no chão

*Do meio pro fim da música ela começa a andar e cantar para o público, feliz e
confiante*

Cena 8 - Inundação

Ladino e Rato estão abraçados no topo de um prédio (em cima da mesa). No chão há tecidos azuis e uma iluminação azul forte, ainda chove.

RATO

Nãaa! Eu não acredito que é assim que eu vou morrer! Eu tenho tanto a oferecer pro mundo, eu canto, eu danço, eu pinto, eu conto piadas... eu... eu recito poemas! Quem

recita poemas?! Eu sou um artista nato, sou incrível, sensível, imortal, imoral, poético, estético, esquelético! Eu não posso morrer aqui como um zé ninguém, afogado em cima de um prédio! Junto com um cara que eu conheci hoje, que...

LADINO

Rato, Rato, olha! A água tá descendo.

Pausa. O sol nasce, para de chover e há um silêncio. Os dois soltam um suspiro, harmonizado.

RATO

Shh!

LADINO

Que foi?

Rato escuta atentamente. Os pássaros começam a cantar e um vento sopra. Ouve-se um barco.

RATO

Que que é aquilo ali longe?

LADINO

Aqui! Aqui! Estamos aqui! Aqui!

RATO

Socorro! (e grita, depois, para Ladino) Será que eles me conhecem? (para o barco) Eu sou uma estrela! I'am a Star! I'am a Star! (fala tudo junto tipo: immaestar)

O barco se aproxima, é uma estrutura simples de papelão estilizado. Em cima do barco há duas pessoas mascaradas, uma Garça e uma Cobra, ambas com uma meia-máscara. A Cobra está presa e acorrentada pela Garça

GARÇA

Muito bom dia cavalheiros! Vocês estão em apuros ou estão a passeio, como

eu? Ladino e Rato se entreolham

RATO

Em apuros...

LADINO

Muito bom dia, singela senhora! É uma honra estar na presença de um ser tão elegante e com um nariz tão grande... isso que é uma garça! A gente veio aqui a passeio! O turismo

aqui é sensacional.

GARÇA

Oh, oh, oh! Que graça! Esperai! Que já chego aí.

RATO

Que isso cara, tá fazendo o quê?

LADINO

Confia em mim. *(para a Garça)* Olha que vista mais francesa! Já viu algo assim?

GARÇA

De fato, não! Eu moro perto, no trigésimo nono andar! Bem que disseram que a cidade poderia inundar e logo comprei um barco! Oh, oh, oh! Que graça!

LADINO

Oh, oh, oh! Que graça, dona garça, é de graça? Oh, oh oh! Suba aqui para ver essa vista da Europa modernizada, aprimorada! Isso é Brasil...

RATO

... sil... sil... sil..!

GARÇA

A parlé et dit! Isso aqui ô ô é um pouquinho de Brasil iaiá!

LADINO

Samba?

Garça samba desengonçada

LADINO e RATO

(aplaudindo) Brasileira! Brasileira!

GARÇA

Vocês sabem a diferença entre alagamento e inundação?

RATO

Não sei não, senhora.

GARÇA

Quando alaga, eu compro lancha. Quando inunda eu compro um barco! Oh, oh, oh! Me ajude aqui a subir! Ai! Isso aí é um rato?

LADINO

Não, não, claro que não... isso aqui é... é o meu gato persa!

RATO

Miaò..?

GARÇA

Uau! Gostei de vocês. Me ajude aqui. Merci... Merci... obrigada... Merci...
(apontando para a cobra) Deixem-na aí, é a minha janta.

*Ladino e Rato ajudam Garça a subir na ponta do prédio.
Eles entram dentro do barco dela, junto com a cobra aprisionada.*

GARÇA

Bem que estava demorando para os Donos dos Nossos Destinos darem uma modificada
nesse visual. Olha essa vista... Esse azul... celeste...

LADINO

... celeste...

GARÇA

...infinito, rico!

LADINO

... nossa...

GRAÇA

Quanta nobreza! Aqui de cima eu me sinto até uma nobre, não é mesmo meu amigo? Faça
o seguinte: peça pro seu gato persa pegar um champanhe pra gente no meu barco, hoje é
dia de comemorar! Oh, oh... oh? (se vira lentamente para seu barco)

*Ladino e Rato começam a remar, se posicionam no lado esquerdo do palco enquanto
a Garça se afasta para o canto direito.*

LADINO

Nobreza é a calcinha velha da seu avó!

RATO

Rá, rá! É isso aí! Ovo mal fecundado!

GARÇA

Malditos! Dois badamecos, filisteus! (foco de luz) Um dia o céu vai cair sobre vocês e
vocês vão se esfolar no asfalto quente! Eu não vou sossegar até que eu obtenha a minha
vingança!

RATO

O céu já caiu sobre a gente! E aqui a gente tá aqui, mais vivo que nunca!

LADINO

É...!

RATO

(ri) Aliás, eu sou um Rato mesmo! Uma ratazana gostosa!

LADINO

Simbora!

GARÇA

(chorando, irado) Minha janta!

RATO

‘Tá preula! Ficou a cobra aqui...

LADINO

Solta ela, tadinha!

RATO

Uuu, ai, aaaaii, que medo!

Ouve-se uma música que se aproxima

Uai. É você que tá puxando isso?

LADINO

Eu achei que tinha sido você...

Cena 9 - Donos dos Nossos Destinos

Mr. Ilusio e o Capataz, cantando freneticamente, chapados. Som de helicóptero. Eles aparecem em cima de outra mesa, como se estivessem em um helicóptero. A Garça canta com eles.

7 - Donos dos Nossos Destinos

Somos os campeões
Campeões

Somos os donos dos nossos destinos
Somos os donos dos nossos destinos

RATO

Que música brega...

LADINO

Rato, eu conheço eles!

RATO

E aí, Mr. Ilusio, você viu que a sua cidade e sua tecnologia estão embaixo d'água?

MR. ILUSIO

(para Capataz) Você ouviu alguma coisa?

CAPATAZ

Perguntaram sobre a cidade inundada... e...

MR. ILUSIO

(falando como quem não acredita no que diz/Narcisa) Ahh. Não tem problema! Eu tenho dinheiro! Nós somos os Donos dos Nossos Destinos! Dá uma pipoca pro coitado lá, Capataz. É pelo bem das futuras gerações!

CAPATAZ

Senhor, sem a mínima intenção de te interromper, mas ele está com o moleque das sementes!

MR. ILUSIO

(urrando de ódio) Endiabrado! Eu sabia que eu ia te encontrar de novo! Muito idiota da sua parte vir aqui direto pra minha cidade.

GARÇA

Pega ele! Ele roubou meu barco e minha janta!

MR. ILUSIO

Comunista-hippie safado! Vai, Capataz, laça ele, laça! (enfurecido) Caipira!

Caipira! *Capataz tenta acertar uma corda com um laço em Ladino*

LADINO

Eles me sequestraram.

RATO

Como assim, eles te sequestraram?

LADINO

E queimaram minha casa!

MR. ILUSIO

Oh, que fofo! Como vou capturar a minha presa...

Mr. Ilusio bate duas palmas e há um blackout. De agora em diante, a cena é feita a partir de um teatro de sombras.

No teatro de sombras, o helicóptero de Mr Ilusio se aproxima do barco de Ladino e Ladino é laçado pelo helicóptero e puxado para dentro.

ATO III

Cena 10 - Cobra Criada

A cena é composta pela mesma cenografia anterior. Agora, em cena estão apenas o Rato e a Cobra, no barco da Garça, centralizados no palco.

RATO

Ai, que fome... ai que sede... e essa cobra aqui, ai que medo! Ai... onde eu fui me enfiar.

Ai, eu sou um otário, um fim de rua sem saída... eu e essa cobra presos num barco sem destino... e a semente, agora que eu finalmente consegui pegar, peguei a toa... tudo pela A.M.O.R. (pausa)

Terra? Terra! Terra finalmente, terra! Bananeiras, muitas bananeiras. Ai, que fome... vamos sobreviver, Cobra! Não é hoje que essa estrela vai morrer!

Os tecidos que estavam no chão são puxados pela coxia direita até quase sair inteiramente de cena. Em terra, o Rato sai do barco e puxa a cobra consigo.

RATO

Terra! Que delícia, terra! E bananas! E... você...?

Pausa. A Cobra faz um gesto para ser solta.

RATO

Ai..., mas é que olha bem, é um rato e uma cobra! Eu não quero arriscar, sabe como é... Você não vai me comer, né?

A Cobra faz que não.

RATO

Ai deuses de todos os cantos do mundo... não me deixem morrer agora que eu finalmente estou com a semente... são e salvo... em terra. Vamos, não há porquê não te ajudar, não é? Além do mais, aqui está cheio de comida. E um astro não morre assim!

Rato libera a Cobra. Assim que ela é solta, eles se observam. Cobra ri profundamente e verdadeiramente, como quem finalmente se libertou e lembrou da vida e de todos os seus sentidos.

COBRA

Muito obrigado!

Cobra pula em direção ao Rato e o imobiliza.

RATO

Mas eu te salvei!

COBRA

Te agradeço, mas estou com muita fome.

RATO

Eu não posso morrer assim! Eu sou uma estrela! Ammatar!

Cobra engole o rato completamente em seu longo figurino. Uma estrela cadente brilha no céu, junto com a semente, na barriga da cobra

COBRA

Nossa! Que delícia! (pausa) Ufa, preciso digerir um pouco tudo isso aqui...

O braço de alguém aparece e carrega a Cobra pelo rabo para fora de cena. A intensidade da luz diminui e é possível ver a semente pulsando dentro da Cobra

(Enquanto é carregada) Que isso, tá doido Seu Cabra? Ai, eu não quero virar bota, nem voltar pra plantação. Aquele touro lá, um dia me mata. (emite um som de chiado arisco)

O CABRA

Achei você! Vem logo, sua jararaca. Seu o touro te chifrar vai ser bem merecido.

Cena 11 - Mais um Interrogatório

A cena tem o mesmo formato da cena 4 - Interrogatório, exceto que agora, Mr. Ilusio e o Capataz estão em cena, em cima de uma mesa. Há um som de helicóptero. Como um burburinho, eles repetem “A gente tem que matar...”, “Vamos matar”. Capataz percebe que Ladino acordou e aponta para ele.

MR. ILUSIO

Olha que fofo, ele acorda tão assustado... A Bela Adormecida acordou... olha só como ele está assustadinho! Agora sim, cara a cara! Não era isso o que você queria?

LADINO

Nu, que bafo! (apontando para as amarras) Você sabe que isso não funciona comigo, né?

MR. ILUSIO

Então tira, que eu quero ver.

CAPATAZ

Tira...

LADINO

Dono dos Nossos Destinos... que nome mais presunçoso! (*retira as amarras*)

MR. ILUSIO

O molecote, eu conquistei esse título pelo poder, pela influência e pelo mérito. Nestes meus anos de poder aprendi que o poder tem que ser mantido pela força física, cultural e jurídica. É tudo sobre ter o controle...

LADINO

Que papinho... você já parou pra pensar que caso...

CAPATAZ

Peraí, você tá pedindo para o grande Mr. Ilusio parar e pensar?

MR. ILUSIO

Bravo, bravíssimo, Capataz. Muito bem. Onde está aquele marginal do Cilverio!

LADINO

Como é que eu vou saber. Desde a explosão eu não me encontrei com ele. Fiquei preso na inundação da sua cidade.

MR. ILUSIO

Hm... E onde estão as sementes?

Ladino cospe em Mr. Ilusio

MR. ILUSIO

Faça o teste novamente, Capataz.

Há um blackout e diferentemente de antes, nada brilha em Ladino. As luzes se acendem novamente.

LADINO

U !

CAPATAZ

Não estão com ele. A máquina confere.

Ladino procura nos seus bolsos depois em sua virilha, já desamarrado. Não o encontra.

LADINO

Olha,   isso, t . Eu falei o que eu sabia e não estou com as sementes, posso ir embora?

MR. ILUSIO

Hmmmm, você já sabe muito, n ...

CAPATAZ

Ele sabe demais...

LADINO

Eu não sei de nada!

MR. ILUSIO

Você sabe que a cidade   uma mentira. Você sabe a gente poderia facilmente distribuir a renda pra todo mundo se a gente quisesse...

CAPATAZ

Mas a gente não quer...

LADINO

Mas agora é você quem está me contando isso, eu nem vivo na cidade, nem sei do que você está falando!

MR. ILUSIO

O interior é até mais manipulável, pobre, desprovido. É simples, tem aqueles que fazem e não têm retorno, e aqueles que mandam fazer e que ficam com o que os outros fazem. A gente já dominou tudo. Enquanto outras pessoas, como você mesmo e sua família, ganham a vida vendendo caneca, caneta...

CAPATAZ

Ha, ha, ha! Falou e disse, chefe! A gente manda em tudo! Seus vacilões, sem mérito!

LADINO

Então tá entendido. Não existe escolha, já está tudo decidido por gente ignorante.

MR. ILUSIO

Não, claro que não. Vocês podem escolher. Por exemplo, escolha agora. Você prefere morrer pelo machado do meu Capataz ou pulando de um helicóptero?

Uma porta se abre, com o céu projetado no telão.

LADINO

Há! Fácil.

Ladino empurra Mr. Ilusio pela porta do helicóptero e o observa cair. Vira para o Capataz que está imóvel

CAPATAZ

(furioso) Desgraçado! Como você pôde!? Agora é a sua vez.

Capataz pega seu machado e vai atrás de Ladino. Há uma luta coreografada

LADINO

Você não ficou feliz? Esse cara te explorava!

CAPATAZ

Eu amava ele! Você não tinha esse direito!

LADINO

O cara te escravizou!

CAPATAZ

Você não entende nada do nosso relacionamento.

LADINO

Eu não entendo nada mesmo.

Ladino pula do avião desviando de um golpe. Ao pular o telão apaga e há uma mudança de luz

LADINO

8 - Queda Livre

Quando eu caí
Eu fui descendo até o chão
e me senti voando
Dançando, cantando, me aproveitando

Procurando o meu fim
ignorando o que passou por mim

Minha cabeça
Arrependida de pular
presa num pensamento:
Quem tá com o meu passado?

Ou será que ele já se desfez
então eu me lembro mais uma vez

Que mesmo na pior tormenta
o sol vai e vem.

Quando eu caí
E fiquei aqui completamente esborrachado
Foi quando eu vi uma esperança em forma de criança
me lembrou um sonho

Eu não vou morrer no fundo do poço
Vou me organizar e fazer um esboço
pra que em um futuro próximo eu me lembre

Inevitavelmente, podendo morrer
Não é possível longe de você
tem tanta gente que eu preciso encontrar
Tenho que começar em algum lugar

Cena 12 - Volta ao Subúrbio

LADINO DO FUTURO

Só se é livre quando você gasta o tempo da sua vida com as coisas que você gosta. Pra um pode ser jogar futebol, pra outro pescar, outro investigar, outro fazer arte... que seja. É que... a gente é diferente.

Mas pra ter uma causa, ter uma paixão... isso leva tempo. Tem muita infelicidade no mundo. Não só pobreza. Tem pobreza aqui (aponta para a cabeça) e na alma. E pra sentir as coisas é preciso dedicar um tempo.

LADINO (em off)

Eu morri. Toda a natureza morreu junto comigo. (se apoia nos braços dele, confuso) Cilverio! É você!?

Pausa

Cilverio encontra Ladino

CILVERIO

Sim! Nem acredito que você voltou! (se abraçando)

LADINO

Mas que lugar é esse, todo sem vida, desmatado?

CILVERIO

Esse é o Centro do Universo. Depois da explosão da natureza, os homens vieram e desmataram tudo. Falaram que é pra reconstrução da cidade.

LADINO

Não acredito, tiraram tudo? E a mangueira? O galinheiro? O som do riacho?

CILVERIO

Você não faz ideia, Ladino. Por um tempo tudo estava tão cheio de vida que a vila virou ponto turístico. O riacho aumentou, os peixes pulavam, os pássaros cantavam, as pessoas cantavam...

Acontece que logo em seguida as grandes corporações vieram e extraíram tudo... cortaram toda a mata e engarrafaram toda a água.

MÃE

Filho! Não acredito! Você está bem? Por onde você andou? Que susto. Eh, que alegria, meu garoto salvo.

LADINO

Mãe! (eles se abraçam) Eu passei por cada uma, quero te contar.

MÃE

E a Kari?

LADINO

Então, eu não sei da Kari.

MÃE

Ela foi atrás de você. Mandou eu ficar caso você chegasse e foi pra lá falando que era coisa do destino.

CILVERIO

Daqui a pouco eu vou para a Cidade Ilusio. Eu posso encaminhar uma busca com a associação moral atrás dela.

LADINO

Eu vou junto.

MÃE

Ah, não queria me vincular com essas coisas suas Cilverio, mas vamos. Não vou dar brecha pro destino de novo.

CILVERIO

Então bora. Estou só esperando o chamado do trem...

MÃE

Como você voltou pra cá se não foi com ela?

Eu caí aqui. Os donos dos nossos destinos me empurraram.

MÃE

(assustada) O Mister Ilusio?

LADINO

Ele mesmo. Eu empurrei ele do helicóptero.

MÃE

De um helicóptero? Mas você matou ele?

LADINO

Não sei, não consegui ver. Acho que sim...

CILVERIO

Boa! Esse cara só acha que manda em alguma coisa. Manda em nada. Não passa de

uma marionete.

MÃE

A gente precisa se reunir com a Kari o quanto antes... onde está esse trem, hein?

CILVERIO

Olha, eu não esperava que eles iam encontrar onde você estava, desculpa de verdade.
(pausa) Mas pelo menos...

Cilésio retira do bolso a outra semente brilhante, na trouxa dela.

LADINO

O que?

MÃE

Então foi isso que causou a explosão?

CILVERIO

Sim.

LADINO

Mas como?

CILVERIO

Um cabra, amigo meu, viu uma semente brilhante pular da barriga de uma cobra depois de ser chifrada por um touro. Aí o cabra conseguiu pegar a semente no ar e veio direto pra mim com a semente.

LADINO

Quer dizer então que a semente que estava no meu bolso foi parar com aquela cobra? E tinha um rato junto... o que aconteceu com aquele rato?

MÃE

Pelo menos agora a semente tá aqui.

CILVERIO

Graças a mãe da mata! *(Som do trem parando)*
É esse mesmo o trem pra cidade. Quem vem?

Cena 13 - Trem do A.M.O.R

Entrando no trem, há os 3 e mais uma pessoa de costas e vestindo um chapéu.

LADINO

Quer dizer que esse é isso que você faz? Ir atrás dos grandes magnatas...

CILVERIO

Mais ou menos. Não sou só eu. É uma associação. A sigla é A.M.O.R, Associação Maior de Origem e Reflorestamento. A A.M.O.R existe já faz alguns anos, o meu pai era General, eu sou Comandante. Muitos morreram e com certeza muitos ainda vão. Mas se a gente não se unir como eles, tudo terá sido em vão.

LADINO

Caramba... minha mãe sabe disso tudo?

CILVERIO

Sim, ela colabora como pode, mas não participa, não quer se vincular de nenhuma maneira. Essa é uma semente raríssima. E é a única que sobrou.

LADINO

E quem é essa pessoa que você a gente tá indo atrás?

CILVERIO

A gente está nessa missão já faz um bom tempo, agora estamos mais perto de encontrar quem está por trás disso tudo, quem controla todas as decisões. O manipulador geral. Não só encontrar, mas também dissipar esse poder centralizado. Seja por tratados, ou usando a força. Estamos prontos para grande reviravolta, e ela começa agora.

LADINO

Isso, encontrar ele, fazer a reviravolta, mas fazer o que com ele? E com os outros?

CILVERIO

Vamos deixar que a população decida pelo voto. Não sei se vai ser muito bom pra eles, já que eles viram as pessoas ao avesso por dinheiro e por aquelas pílulas coloridas.

Rato se vira.

RATO

Alguém disse... Pipoca?! Ladino! (abraça ele)

LADINO

Rato? (se abraçam) Como assim, que que você está fazendo aqui?

RATO

Eu também faço parte da A.M.O.R, roubei a semente do seu bolso pra devolver pra central! Eu seria o herói dessa história se não tivesse aquela cobra maldita.

LADINO

(irônico) Então você roubou a semente de mim e a cobra te comeu? Grande herói...

RATO

O destino sempre está ao meu lado, eu sou uma estrela! Depois essa mesma cobra foi usada de isca e morreu no chifre de um touro. Eu saí vazado, ainda bem que a digestão estava na fase inicial ainda. Tá todo mundo atrás diss...

RATO

Senhor, Comandante! É um prazer estar ao seu lado, senhor! Soldado número 13.03!
A espera do comando, senhor!

CILVERIO

Descansa, bicho. Pode se sentar. Fico feliz que esteja aqui pela causa.

RATO

Oh, senhor, o prazer é completamente e totalitariamente meu, o senhor quer uma massagem, um suco, uma pílula?

Risada de Cilverio

LADINO

Só não me rouba de novo, falou? Tomador de pílula.

RATO

(falando para Ladino) Por que que você não me falou que estava com o Comandante?
(falando para Cilverio ouvir) Tamo junto nessa, cara, muito bom trabalhar com você!
Menino bom de serviço.

Mãe acorda.

MÃE

Já chegamos?

CILVERIO

Quase.

MÃE

E quem é esse?

RATO

Soldado número 13.03! Mais conhecido como Rato.

MÃE

Hm.

RATO

Você viu, Comandante, parece que conseguimos uma pista de onde está o chefe de tudo. Nossos associados fizeram esse dispositivo. Olha.

CILVERIO

Sim. Mas temos que ir com cuidado (...)

Há um fade-out na cena durante a fala de Cilverio. A cena se transforma para a cena 12 enquanto Cilverio fala, na escuridão.

ATO IV

Cena 14 - Rainha Kari

CILVERIO

A verdade é que a gente não sabe muita coisa sobre esse manipulador, quem quer que ele seja, com certeza possui uma rede de contatos muito maior do que a gente imagina.

Eles chegam na cidade Ilusio tossindo. Fade in.

MÃE

Que segura! Assim meu pulmão não aguenta.

LADINO

Mas a última vez que eu vim pra cá estava tudo inundado.

RATO

Cadê toda aquela água?

CILVERIO

Eles já engarrafaram toda a água pra vender. A cidade se transforma e o controle da água faz parte da dominação.

LADINO e RATO

Engarrafaram?

11 - Nada no Mar

Nada, nada, nada no mar

Quando eu voltei de minha terra natal
me deparei com o pior

Sei que já faz algum tempo
que eu não entro em água
Mas nunca imaginei
que tudo fosse secar

Nada, nada, nada no mar.

MÃE

O que a minha filha está fazendo nesse cartaz?

*Há um pôster no telão com o rosto de Kari usando uma coroa escrito
“Kari Rainha
O resto é nadinha.*

Todos leem o poster em voz alta, juntos

MÃE

Olha Ladino... eu nunca quis que ela viesse pra essa cidade. Tem umas coisas que eu não
fui muito sincera com vocês...

LADINO

Como assim? Que coisas?

RATO

(cantando) Qualquer coisa...

Capataz aparece.

CAPATAZ

Boas-vindas. A Rainha Kari está convocando uma reunião. Me sigam. Por uma nova
Cidade Ilusio!

Ouve-se um coro repetindo “por uma nova cidade ilusio!”

LADINO

Sai fora, hein! Peita não, seu maluco!

CAPATAZ

Eu vim em... paz...

MÃE

Minha filha não “convoca” coisa nenhuma, ela convida.

CAPATAZ

Ela convoca vocês.

Apito de uma máquina

RATO

Senhor, parece que o manipulador está por perto... olha!

CILVERIO

Vão buscar sua irmã! A gente vai atrás da nossa pista.

CAPATAZ

Ela mandou todos vocês irem.

CILVERIO

Vai te catar, larga do meu pé, zé ruela, nem te conheço.

RATO

Falou, bunda mole!

Cilverio e Rato saem de cena

Ladino e Mãe são levados para o outro lado do palco, onde há uma cadeira giratória e Kari.

MÃE

Filha, o que aconteceu? O que é isso na sua cabeça?

KARI

Filha não. Rainha Kari. (vira a cadeira)

LADINO

Cala a boca, pentelha! Que Rainha coisa nenhuma. Última vez que eu te vi, você estava chorando, me pedindo um doce de manga.

KARI

Querido, prende ele. É com ela que eu quero conversar.

Capataz aparece, dá um beijo em Kari e leva Ladino. Ele deixa umas pílulas na mesa e Kari vai comendo.

CAPATAZ

Claro, querida.

LADINO

Vishhh! Abaixou o seu nível hein, Kari... que decepção. Me dá um copo de água aí, Capataz.

CAPATAZ

29,90\$.

LADINO

29,90\$? Cidade de maluco! Como pode!

Capataz tira Ladino, preso. Kari e a Mãe esperam e sustentam uma pausa.

KARI

Fala.

MÃE

Foi uma paixão repentina.

KARI

Então é verdade.

MÃE

Ele não era quem você acha que ele era. O tempo muda muito as pessoas. Você mudou muito também, muito rápido.

KARI

Aí você manda o meu próprio irmão jogar meu pai de um helicóptero!

MÃE

Eu não mandei nada, não sabia de nada disso, fiquei sabendo faz pouco tempo.

KARI

O Mr. Ilusio, o grande manipulador, era meu pai. E você nunca me falou nada.

MÃE

Ele não era o grande manipulador. Ele era um comediante falido, estudava, investia e sustentava a sua família. A gente se conheceu em um evento em que eu vendia canetas. Logo depois, você nasceu. Acontece que ele já tinha uma família e não estava disposto a ter outra.

KARI

(irada) Você me deixou vivendo na pobreza, vendendo canetas! (se recompõe) Mas o que mimporta é que agora sou a rainha desse lugar. Eu tenho todas as ações de tudo, eu

domino tudo. Tudo é meu.

MÃE

Você está se ouvindo? Mr Ilusio não existe, não falei que ele era seu pai porque seu pai foi o Bento. E o Bento que eu conheci nunca faria o que aquele homem fez. Rainha Kari não existe, filha. Esse não é o seu destino, você é mais que isso. Não é tudo seu e não foi assim que eu te criei. Para de comer isso!

KARI

Eu concordo com uma parte, mãe... eu sou mais que isso.
Capataz! Prende ela também.

Capataz leva a mãe para fora de cena. No caminho, a mãe começa a bater nele.

MÃE

Eu sou sua mãe! Ai, Capataz! Ai, me solta! Sou trabalhadora! Ai! Me larga, seu safado, já basta estar ficando com a minha filha sem a minha permissão! Seu assanhado.

Quando ela fala isso, dá um tapa na bunda de Capataz e cai sobre ele, chorando. Pega um molho de chaves de seu bolso.

CAPATAZ

Sai fora, senhora. Aqui não tem pra ninguém não, ouviu? (indo embora) Vai tirando esse seu cavalinho da chuva, quem manda é a Rainha Kari. Pela cidade Ilusio!

Cena 15 - Juízo

Ladino está preso em um lugar completamente branco

LADINO

Quando a fruta nasce, ela cresce madura e apodrece. Só depois de cair do pé e apodrecer que ela consegue realmente soltar as suas sementes. Para ela continuar vivendo, ela precisa morrer. A água de 29,90\$ é só um copo d'água. É a mesma água desde que o mundo é mundo.

Cilverio aparece em uma mesa, ao lado de Ladino.

CILVERIO

Há, ganhei!

LADINO

Que ganhou o que, conta de novo. Nunca que eu ia perder pra um miserávi no buraco!

CILVERIO

Uai, conta comigo. 10, 20, 45, 50...

Cilverio conta de novo e a luz onde Cilverio está se apaga. Acende um foco de luz na Garça.

GARÇA

Um dia o meu raio vai cair sobre você e estremecerá até a sua alma. Você vai ser esfolado no asfalto quente! Eu não vou deixar isso de lado até que eu obtenha a minha vingança!

Rato aparece onde Cilverio estava

RATO

Aqui, ó. Mileduzentosequarenta! Você perdeu, admite.

LADINO

Você roubou, só pode! Jogar contra um Rato dá nisso. Já roubou minha semente antes, não dá pra confiar mesmo.

Apaga a luz no Rato e acende uma luz no Capataz

CAPATAZ

Eu amava ele. Você não tinha esse direito.

Apaga a luz do Capataz e acende outra em Kari, no lugar do Rato.

KARI

Que pena... você perdeu... para a Rainha! (risada)

BLACKOUT. No telão aparece em preto a palavra:

JUÍZO

Ladino encara o telão friamente. Aos poucos a palavra vai se desfazendo até o telão ficar completamente branco. A cena é impulsionada por um som distorcido que aos poucos se escuta "Ladino"

MÃE

Ladino!

LADINO

Mãe?

A iluminação volta ao normal e Mãe joga uma chave da coxia.

MÃE

Pega essa chave, sai daí! A Kari perdeu o juízo, a gente tem que ir atrás do

Cilverio. Ladino abre a cela e segue Mãe

MÃE

Vem comigo, me segue!

Cena 16 - Shot Russo

Cilverio e Rato chegam cambaleando e acordando de um desmaio. Há uma mesa e 4 shots

CILVERIO

O que aconteceu? Você chegou a ver ele?

RATO

Não vi nada. Mas ele estava bem do nosso lado. A gente chegou muito perto.

CILVERIO

Eu não lembro é de como a gente chegou aqui...

RATO

Nem eu.

CILVERIO

Bom, então... como a gente pode sair daqui? Ele não deve estar muito longe, veja aí pra qual direção ele foi enquanto eu penso aqui...

RATO

Sim, senhor.

Kari e Capataz aparecem com uma arma.

CAPATAZ

Olha, olha, olha, que alegria.

A máquina apita freneticamente. Capataz pega a máquina da mão de Rato e a pisa. Ela para de funcionar.

CILVERIO

Não pode ser...

CAPATAZ

Finalmente nos conhecemos. Muito prazer Cilverio. Ouvi falar muito sobre você

RATO

Mas será que ele ouviu falar de você? você não é ninguém.

CAPATAZ

Exatamente.

KARI

A gente está junto nessa, vamos conquistar todo o mundo!

CAPATAZ

(irônico) Isso! Sonhe alto, tudo o que você é capaz de imaginar eu vou te dar. Eu fazia isso com o seu pai, esse é o mínimo que eu posso fazer por você...

CILVERIO

Você não pode ser tão tonta assim... esse cara é um dos maiores magnatas do mundo. Ele não deveria existir, você sabe disso!

CAPATAZ

Como é difícil se apaixonar assim tão fácil (tocando no cabelo de Kari). Seu pai que era um verdadeiro conquistador. Tal pai, tal filha.

Beijo longo entre Capataz e Kari

CILVERIO

Dois trouxas.

CAPATAZ

(em espanhol) Tranquilo, tranquilo! Eu sou uma pessoa justa. (coloca um saco com várias sementes brilhantes em cima da mesa) Sabe o que é isso?

RATO

Sementes?

CAPATAZ

Todas as outras sementes que se perderam! Quer dizer, só falta uma pra eu ter todas elas. Logo, eu queria propor um jogo.

KARI

Ordenar!

CAPATAZ

Ordenar.

CILVERIO

Fala aí, qual jogo.

CAPATAZ

Um dessas bebidas está envenenada. Se eu ou a minha amada Rainha morrermos, você pode ficar com o saco. Se você ou o seu amiguinho Rato morrerem, nós ficamos com a última semente.

Todos se olham por um momento

KARI

Se um deles morrer, eu quero metade das sementes pra mim.

CAPATAZ

Mas você é tão fofa...

CILVERIO

Eu topo!

Cilverio coloca a trouxa com a semente na mesa. Rato que estava com medo até agora toma coragem

RATO

Então se ele topou, eu tô dentro.

CILVERIO

Com uma condição.

RATO

É, tem uma condição...

CAPATAZ

Qual?

RATO

É... qual?

CILVERIO

Eu e o Rato escolhemos primeiro.

RATO

Isso aí!

CAPATAZ

Ok.

KARI

Não sei se eu quero jogar.

CAPATAZ

Olha, minha bonequinha, você tem que aprender que o seu lugar é um lugar só de aparências. As decisões sou eu que tomo. Ok? Agora, cara de paisagem! Isso, gatinha!

Vamos lá, prepara...

Um. Dois. Três. E... valendo!

RATO

Ai santo.

Cilverio escolhe um copo e Rato escolhe outro. Quando Cilverio escolhe, Capataz ri para Kari e diz

CAPATAZ

Sabia...

Logo Cilverio troca de copo. Capataz pega outro shot e Kari pega o último

CAPATAZ

Por uma nova cidade Ilusio! Pela Rainha Kari.

Vamos! 5...

TODOS

4...

Ladino e Mãe aparecem no canto da cena

MÃE

Eles estão aqui!

TODOS

...3...

LADINO

Mas que maluquice é essa?

TODOS

... 2, 1!

Todos bebem. Há um instante de suspensão no ambiente, todos se olham

Cena 17 - Tanta Gente

A cena agora é feita por flashes e imagens fixas com uma movimentação lenta e contínua.

Flash 1

Ladino e Mãe entrando e Cilverio paralisado. Rato e Kari olham para o Capataz, que troca olhares desafiadores com Cilverio

Flash 2

Ladino e Mãe olhando para o ambiente e todos olhando para Cilverio, que começa a tombar

Flash 3

Rato, Ladino e Mãe vão em direção de Cilverio tentar ajudá-lo. Kari tira uma faca do bolso.

Flash 4

Kari levanta a mão com a faca em direção ao Capataz, que se diverte observando Cilverio. Rato aponta, Ladino olha e Mãe ainda está olhando para Cilverio.

Flash 5

(que continua para a cena, descongelando depois de um tempo)

Rato, Ladino e Mãe estão ao redor de Cilverio, o ajudando enquanto ele cai e morre. Kari esfaqueia o Capataz repetidamente.

MÃE

Filha!

Ladino vai em direção de Kari e tenta tirá-la.

LADINO

Larga disso, chega! Ele morreu.

KARI

(sussurrando) Agora é tudo meu, agora é tudo meu...

Kari se afasta. Ela observa o ambiente e sai andando para fora da cena, pelo público, assustada. Ao sair, ela sussurra “tudo meu” repetidamente.

RATO

Vem aqui! Vem cá, chega mais.

Mãe e Ladino se aproximam.

RATO

Olha o que ficou com a gente!

Rato mostra o saco com as sementes

MÃE

As sementes!

RATO

Exatamente. O que eu pensei é: alguém fica à frente da Associação Moral de Origem e Reflorestamento e toma a iniciativa de finalmente reflorestar o planeta inteiro. Com essa quantidade de semente dá pra reflorestar até Marte!

LADINO

Ah, Rato. Essa é a utopia, mas quem faria isso? O comandante da A.M.O.R não está mais aqui.

Mãe e Rato sustentam o olhar em Ladino

RATO e MÃE

A gente!

Um Violão corta a cena

13 - Show de Horrores

RATO

Vai a viola vaiar!
Intransigente negociação

MÃE

Sobe pra mente, enraíza no chão

MÃE E RATO

Semente dormente, cujo remetente é a ilusão
Arranca com o dente, esfrega na cara e mostra pra quem tá do lado.

OS TRÊS

Vai a viola vaiar
intransigente negociação
Sobe pra mente, enraíza no chão

Semente dormente cujo remetente é a ilusão
Arranca com o dente, esfrega na cara e mostra pra quem tá do lado...

Ladino pega uma semente, a joga no chão. Olha para Rato e para Mãe e pisa na semente. Há uma explosão de verde, marrom e azul e depois de um suspense um blackout.

Cena 18 - Gota Corrosiva

As luzes se acendem. Ladino do Futuro dá o seu discurso enquanto a música final inicia.

LADINO DO FUTURO

(falando cadenciado com o samba)

De agora em diante, é preciso reinventar as formas de viver. Precisamos investir naqueles que estão nascendo... Porque o mundo vai se dividir, entre os ditos invisíveis, de um lado, e os donos do destino de outro. Se a gente ficar de braços cruzados, não vamos servir nem para que nos explorem.

Todo mundo vai ter que entender que é preciso investir nas pessoas. As máquinas avançaram muito! Já faz tempo que andamos com uma universidade no bolso. No entanto, sabemos cada vez menos. Falta cultura, falta conhecimento, falta sabedoria.

Mas... não tirem a minha utopia.

Todos cantam a música final, intercalando partes e vozes

Vai a viola vaiar
intransigente negociação
Sobe pra mente, enraíza no chão

Semente dormente cujo remetente é a ilusão
Arranca com o dente, esfrega na cara e mostra pra quem tá do lado...

Cantam junto com a plateia enquanto distribuem trouxas com sementes dentro

FIM